

# O Sermão da Montanha

## e

# o Evangelho da Graça de Deus

Cornelius R. Stam

### Prefácio

Enquanto o nosso comentário sobre as *Epístolas Pastorais* de Paulo estava a ser preparado para ser impresso (com o envolvimento de todo o processo de revisão e edição) o autor digitou e refinou notas que tinha produzido para as emissões do *Bible Time* (Tempo para a Bíblia), emitidas para o ar há algum tempo. O resultado é o presente volume: *O Sermão da Montanha e O Evangelho da Graça de Deus*.

Este livro não é uma consideração exaustiva do sermão do nosso Senhor, nem um comentário versículo por versículo sobre o seu conteúdo. Pelo contrário, é um estudo dispensacional com a intenção de ajudar o leitor a colocar o Sermão da Montanha exatamente onde este pertence no programa de Deus e, assim, *compreendê-lo* melhor e *apreciá-lo* mais - especialmente quando o comparamos com o que Deus nos deu sob a graça.

Alguns têm-se esforçado em mostrar que os preceitos encontrados no Sermão da Montanha também são encontrados nas epístolas de Paulo. Certamente! Isso poderia ser dito de muitas partes do Antigo Testamento, mas isso não faz do Sermão da Montanha a mensagem ou o programa de Deus para hoje.

Ao discutir os detalhes deste grande sermão dirigimo-nos ao leitor simples, sincero. Nós não despendemos tempo, por exemplo, com questões como o corte da mão, o arrancar do olho, ou "o argueiro", ou trave, em olhos críticos, pois estamos convencidos de que o leitor comum reconhecerá imediatamente estes termos como figuras de linguagem, pois como, por exemplo, poderia uma trave caber num olho humano?

Assim é nosso objetivo, neste volume, alcançar o sentido das palavras do nosso Senhor, muitas vezes comparando-as com as grandes verdades celestiais que, da Sua glória à mão direita do Pai, Ele mais tarde revelou ao Apóstolo Paulo, e por seu intermédio. Que o resultado traga luz e bênção a muitos leitores.

— Cornelius R. Stam  
Chicago, Illinois 15 de março de 1983

## INTRODUÇÃO

Parece que em certas áreas o neo-evangelicalismo nos conduziu de novo ao Modernismo dos velhos tempos. Assim como fizeram os modernistas de há cinquenta a cem anos atrás, muitos líderes da igreja hodierna continuam a insistir no Sermão da Montanha e no Evangelho do Reino, pois estes têm muito a dizer sobre a paz, a não-resistência, a justiça social, a partilha das riquezas, etc. Chamam a isto de "o Evangelho social."

Nós não podemos questionar, nem questionamos que o Sermão do Monte contém palavras do próprio Senhor Jesus Cristo, e que todas elas eram *vinculativas naquele tempo*, porém nós defendemos que, mais tarde, o nosso Senhor, da Sua glória no céu, suspendeu esse programa até um dia futuro, levantando Paulo, o principal dos pecadores salvo pela graça, para inaugurar uma nova dispensação, especificamente chamada de "*a dispensação da graça de Deus*" (Efésios 3:1-3), tendo-lhe sido confiado "*o Evangelho da graça de Deus*" (Atos 20:24), o Evangelho que nós devemos anunciar hoje.

Sir Winston Churchill teria dito numa ocasião: "Que mundo feliz seria este se todos nós vivêssemos de acordo com o Sermão da Montanha!" Porém, tem sido historicamente demonstrado que, devido à depravação da natureza humana, o homem não consegue praticar consistentemente o Sermão da Montanha como não consegue obedecer aos Dez Mandamentos. Nem será capaz de viver desse modo enquanto o Espírito Santo não *tomar o controlo e o conduzir* a isso. Assim, Deus prometeu ao seu povo Israel:

**"E porei dentro de vós o Meu espírito, e farei que andeis nos Meus estatutos, e guardeis os Meus juízos, e os observeis.**

**"E habitareis na terra que Eu dei a vossos pais, e vós Me sereis por povo, e Eu vos serei por Senhor" (Ezek. 36:27,28).**

Eis onde muitos ensinadores modernos da Bíblia se desviaram. Eles olham para a Bíblia meramente como um livro de que podem colher muitos pensamentos e preceitos bonitos. Eles não veem que ela encerra uma *linha de ensino* progressivo ou, historicamente, desdobrado. É por isso que nos nossos dias deve ser dada atenção especial a II Tm. 2:15:

**"Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a Palavra da verdade".<sup>1</sup>**

De acordo com esta importante passagem das Sagradas Escrituras, os obreiros de Deus terão razão para se *envergonhar* e falhar a aprovação de Deus, se fracassarem em prestar incessante cuidado<sup>2</sup> ao "manejar bem" da Sua Palavra.

Às vezes nós somos demasiado descuidados na discussão das Sagradas Escrituras.

---

<sup>1</sup> Não é sem significado que na mesma carta curta em que Paulo declara que "toda a Escritura" é inspirada por Deus e "proveitosa", ele enfatize a importância dela ser bem manejada (II Tm 3:16; 2:15).

<sup>2</sup> A palavra aqui traduzida por "procura" (Gr., *spoudazo*) tem o sentido de *esforço doloroso*, e a expressão "manejando bem" (Gr., *orthotomeo*), significa *cortar a direito, dividir*.

Falamos em generalidades, onde as Escrituras são específicas, ou, contrariamente, insistimos em interpretações específicas onde as Escrituras falam em generalidades. O escritor tem diante de si um artigo intitulado, *O Sermão da Montanha é Para a Igreja?* Há duas coisas erradas neste título. É claro que o Sermão da Montanha é *para* a Igreja. Toda a Escritura é inspirada por Deus e *proveitosa*. Quantas *verdades benditas*, quantas *lições preciosas*, podemos aprender, pois, com o *Sermão da Montanha*!

Mas apesar de toda a Escritura ser *para* nós, não foi toda escrita *sobre* nós nem toda dirigida a nós. O nosso correio privado, por assim dizer, encontra-se nas epístolas de Paulo, apóstolo designado por Deus para a presente dispensação.

Certamente, devemos distinguir entre *Pedro* que, no dia de Pentecostes, dirigiu-se aos "varões israelitas" e a "toda a casa de Israel" (Atos 2:22,36), e *Paulo*, que escreveu em Rom. 11:13:

**"... convosco falo, Gentios, que, enquanto for apóstolo dos Gentios, glorificarei o meu ministério".**

Mas há mais: Este título diz: "O Sermão da Montanha é **Para a Igreja?**" Um pouco de estudo revelará que a palavra "igreja" (gr. *ekklesia*) significa simplesmente uma assembleia chamada para fora, e Deus sempre teve o Seu povo chamado para fora. Em Atos 7:38 Israel é chamado de "a igreja no deserto." Mais tarde, em Mat. 18:17, quando Cristo estava na terra deu instruções sobre o irmão insensato, Ele disse: "E, se não as escutar, *dize-o à igreja*". Ainda mais tarde, em Pentecostes, homens e mulheres foram "*acrescentados à igreja*", como lemos em Atos 2:47. Assim, Deus teve a Sua Igreja nos tempos do Velho Testamento e quando o nosso Senhor andou aqui na Terra e no Pentecostes (onde alguns defendem que a Igreja *começou*!).

O que o escritor acima deveria ter perguntado é: O Sermão da Montanha é dirigido, ou destinado especificamente, à obediência da Igreja de *hoje*, "o novo homem", que Paulo designa como "*o Corpo de Cristo*" (Efésios 2:15,16; 4:12)?

Se, for assim perguntado mais corretamente, a resposta só pode ser um enfático *Não*. E isso é o que nós, pela graça de Deus, demonstraremos neste volume. Em suma, é nosso propósito mostrar a *diferença* entre o Sermão da Montanha e o Evangelho da graça de Deus.

Não desejamos, de modo algum, subtrair ao povo de Deus esta parte preciosa da Sua Palavra. De facto, o Sermão da Montanha provará ser *uma enorme bênção para nós*, ao aprendermos *onde se encaixa no programa de Deus*.

## ***CAPÍTULO I***

### **O SERMÃO DA MONTANHA e a REVELAÇÃO PROGRESSIVA**

Alguns têm acolhido a noção de que nós fazemos muito das epístolas de Paulo porque simplesmente *preferimos* os seus ensinamentos, ou porque nos registos do ministério do nosso Senhor e no Livro dos Atos existem passagens que nós achamos difíceis de aceitar ou obedecer. É por essa razão, dizem eles, que nós ensinamos que o Sermão da Montanha não engloba o programa de Deus para hoje. Isso não é correto.

É, antes, porque reconhecemos na Bíblia um sistema de doutrina, uma linha de ensino, uma revelação progressiva, histórica. Nós reconhecemos o princípio divino enunciado em Isa. 28:9,10:

**"A quem pois se ensinaria a ciência? E a quem se daria a entender o que se ouviu? Ao desmamado, e ao arrancado dos seios?"**

**"Porque é mandamento, sobre mandamento, mandamento sobre mandamento, regra sobre regra, regra sobre regra: um pouco aqui, um pouco ali."**

Este é o método de ensino de Deus e, de facto, o nosso próprio método. Deus tem-Se revelado ao homem, não tudo de uma assentada, mas "mandamento sobre mandamento, regra sobre regra, um pouco aqui, um pouco ali". Noé sabia mais sobre Deus do que Adão. Abraão sabia mais do que Noé, Moisés mais do que Abraão, David mais do que Moisés, os doze apóstolos mais do que David, e Paulo sabia mais do que os doze e todos os anteriores, pois a ele foi revelado o próprio "segredo do evangelho," *o toque final da revelação divina* (Veja Ef 3:1-4; 3:8,9; 6:18-20).

Comparando Êxodo ou Mateus com Efésios, por exemplo, é evidente que Deus tem tratado de forma diferente com os homens ao longo dos séculos, de acordo com o conhecimento que eles têm d'Ele. Historicamente tem havido *desenvolvimento* e *progresso* no conhecimento de Deus e dos Seus propósitos. Todo o ensinamento das Escrituras prepara, por assim dizer, a revelação do mistério, ou segredo, dado a conhecer através de Paulo.

Isto chama-se, numa só palavra, *dispensacionalismo*: a consideração sistemática e histórica da Palavra de Deus revelada. E tal consideração *deve* conduzir à conclusão de que o Sermão da Montanha não faz parte do programa de Deus para os dias de hoje, mas é antes a constituição do reino messiânico, sobre o qual o Senhor, um dia reinará.

O reconhecimento deste facto revela que não há contradição entre o Sermão da Montanha e as epístolas de Paulo. Só há contradição se aplicarmos ambos à *mesma* dispensação.

Nos próximos capítulos vamos lidar com algumas *aparentes* contradições entre o Sermão da Montanha e as epístolas de Paulo, mas podemos ter a certeza de que Deus não Se contradiz. Aqueles que pensam que Ele se contradiz são forçados a essa conclusão só porque eles não têm observado o princípio da revelação progressiva.

Vamos considerar abreviadamente o tema do reino messiânico, por exemplo: (1) O reino foi PROMETIDO nos tempos do Antigo Testamento (Jr 23:5). (2) Foi PROCLAMADO COMO ESTANDO PRÓXIMO durante o ministério terreno de nosso Senhor (Mateus 4:17). (3) Foi OFERECIDO no dia de Pentecostes, *após* a morte e ressurreição de Cristo (Atos 3:19-21). (4) Foi rejeitado, como mostra o livro dos Atos (Atos 7:54 - 8:3; 28:25-28). (5) Foi ADIADO <sup>3</sup> e está a ser mantido em suspenso até um futuro dia (Mt 23:39, Rm 11:25.). (6) Finalmente, quando o nosso Senhor voltar para julgar e reinar, o reino será ESTABELECIDO na Terra (Rm 11:26). *Então*, pela primeira vez desde a queda do homem, este mundo tornar-se-á num cenário de verdadeira paz, prosperidade e bênção.

O estabelecimento do reino de Cristo na terra é o grande objetivo da profecia do Antigo Testamento, mas as epístolas de Paulo explicam como o programa profético foi interrompido pela graça. Assim, a verdadeira condição do mundo de hoje só pode ser entendida quando reconhecemos a revelação progressiva das Escrituras.

Aqueles que reconhecem a verdade do mistério revelado a Paulo não precisam de "espiritualizar" as predições claras da profecia, mas aqueles que falham ou se recusam em reconhecê-lo são forçados a "espiritualizar" a maior parte do Antigo Testamento. Eles veem como a profecia foi cumprida com precisão através da ressurreição de Cristo e de Pentecostes, mas depois o seu cumprimento, evidentemente, cessou. A Grande Tribulação e os sinais do retorno de Cristo não apareceram, nem Ele voltou para reinar. Assim, a sua explicação é que as primeiras perseguições do Cristianismo constituíam evidentemente a Grande Tribulação profetizada e que Cristo está a reinar hoje sobre Israel "espiritual", o Corpo de Cristo. Porém, na verdade isso não é "espiritualizar" as Escrituras; é *alterá-las* arbitrariamente, e essas perversões da clara Palavra de Deus não só violam a própria Palavra, como agravam a confusão que já existe na Igreja, e são condenadas por Deus.

Um comentarista da Bíblia disse: "Todas as partes da Bíblia; todo o conselho de Deus, são suficientemente importantes para o povo de Deus de todos os séculos investigar." Pense nisso! *Todas as partes da Bíblia suficientemente importantes para o povo de Deus de todos os séculos investigar!*

Como, diga por favor, poderia Abraão investigar a Lei de Moisés? Como é que Moisés poderia investigar o Sermão da Montanha? Como poderiam aqueles que ouviram esse sermão investigar o livro dos Atos ou as epístolas de Paulo? Isso por si só mostra a importância do *facto* da *revelação progressiva* e enfatiza a *importância* do *estudo dispensacional da Bíblia*.

E ao estudar a Bíblia desta maneira, onde é que *nós* nos encaixamos? Qual é a mensagem e programa espiritual de Deus para nós hoje? Nós encaixamo-nos entre a final rejeição de Cristo e do Seu reino, e a Grande Tribulação e o Seu retorno à Terra para julgar e reinar.

Não querendo julgar este mundo rebelde imediatamente, Deus *salvou* Saulo de Tarso, o principal dos pecadores, o pior inimigo do nosso Senhor na Terra, e enviou-o como Seu embaixador, para oferecer paz e reconciliação aos Seus inimigos, proclamando a salvação pela graça a todos os que confiam no Cristo rejeitado e O reconhecem como Senhor e Salvador.

É por isso que o legalismo, a chamada para a reforma social, a vida comunitária, etc.,

---

<sup>3</sup> Um adiamento *planeado*, é claro.

do Sermão da Montanha, estão totalmente ausentes nas epístolas de Paulo. Em vez disso estas estão cheias do que o Senhor Jesus Cristo fez pelos *pobres pecadores perdidos*, cheias das graciosas ofertas das "abundantes riquezas da Sua [de Deus] graça" ao Deus abençoar os crentes "com *todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo*" (Ef 1:3).

## CRISTO NA TERRA E CRISTO NO CÉU

É uma triste realidade dos nossos tempos que muitas pessoas hoje não estejam interessadas na Bíblia, em grande parte porque muito poucos Cristãos estão interessados o suficiente em estudá-la profundamente. No entanto, quando bem manejada, descobrimos que as Escrituras são mais relevantes do que nunca para as nossas circunstâncias e as nossas necessidades.

Um dos resultados desta falta de interesse é que geralmente não é compreendido que o Senhor Jesus proclamou uma mensagem quando estava na Terra e outra bastante diferente depois da Sua rejeição aqui e da Sua ascensão ao Céu.

Enquanto na Terra Ele proclamou o que é chamado de "*o Evangelho do reino*" (Mat. 4:23; e *outras passagens*). Este reino seria - e será - estabelecido na terra e produzirá um modo de vida que trará paz e prosperidade e bênção a toda a humanidade. O Nosso Senhor enunciou os princípios deste reino no Seu *Sermão da Montanha*.

Mas, como vimos, o Rei e o Seu reino foram rejeitados e o nosso Senhor, em graça admirável, *salvou* Saulo de Tarso e enviou-o como o apóstolo Paulo, a proclamar "*o Evangelho da graça de Deus*" (Atos 20:24).

Nós nunca encontramos Paulo a oferecer o reino a Israel - nem ele *poderia* ter feito isso, pois tal oferta teria que ser feita em Jerusalém, de onde o Senhor o mandou *sair imediatamente* quando ele voltou pela primeira vez a esta cidade depois da sua conversão (Atos 22:17-21).

Portanto, Paulo foi enviado aos Gentios pelo Senhor glorificado, para proclamar uma mensagem de "*graça e paz*", uma mensagem que diferia muito de "*o Evangelho do reino*", que nosso Senhor proclamou quando estava na Terra.

Assim, a alegação de que a chamada "grande comissão" contém "as últimas palavras" do nosso Senhor é um erro, pois Ele falou *de novo*, da Sua glória no Céu, ao Apóstolo Paulo e por seu intermédio (Aqui o leitor deve examinar cuidadosamente I Cor 11:23; 15:3, II Cor 13:2,3; Gál 1:11,12; Ef 3:3).

A razão pela qual enfatizamos isto é porque alguns colocam a questão: "Quais são as palavras mais importantes, as de Cristo ou as de Paulo?", esquecendo-se do facto de que as palavras de Paulo *foram* as palavras de Cristo da Sua glória no céu. Estas palavras, não as da chamada "grande comissão", foram as Suas últimas palavras - palavras de misericórdia e graça para "este presente século mau".

Esta é a gloriosa mensagem que Deus agora nos tem confiado, chamada alternadamente de "*a palavra da cruz*" (I Coríntios. 1:18), "*o evangelho da glória de Cristo*" (II Coríntios 4:4) "*o evangelho da graça de Deus*" (Atos 20:24) e "*o meu evangelho [de Paulo] e a pregação de Jesus Cristo, conforme a revelação do mistério que desde tempos eternos esteve oculto. Mas que se manifestou agora ...*" (Rom. 16:25,26).

Nós não devemos deixar este assunto sem lembrar os nossos leitores que o nosso Senhor não escreveu nenhum livro. Portanto as Suas palavras registadas por Paulo não são menos inspiradas ou autênticas do que as registadas por Mateus, Marcos, Lucas e João, e é de suma importância ter em mente que, enquanto os quatro chamados "evangelistas", registaram as Suas palavras *faladas quando Ele estava na Terra*, Paulo proclamou a mensagem da graça que Ele lhe confiou mais tarde, *da Sua glória no Céu*.

## ***CAPÍTULO II***

### **O SERMÃO DA MONTANHA e a LEI DE MOISÉS**

Para entender o *Sermão da Montanha*, devemos ter em mente que o nosso Senhor, quando estava na Terra, sujeitou-Se, e ensinou os Seus discípulos a sujeitarem-se, à Lei de Moisés. Em Mat. 23:2,3 encontramos-Lo a dizer:

**"... Na cadeira<sup>4</sup> de Moisés, estão assentados os escribas e fariseus.**

**"Observai, pois, e praticai tudo o que vos disserem ...."**

#### **A LEI EXPANDIDA E TORNADA MAIS VINCULATIVA**

Os escribas e Fariseus tinham acrescentado muitos pontos e instruções detalhadas à Lei de Moisés, tornando-a ainda mais difícil de cumprir. No entanto, eles ocupavam o lugar de Moisés como líderes de Israel, e eles deviam ser obedecidos. Isto indica claramente que o concerto da Lei (Êxodo 19:5,6) ainda não tinha sido abolido. De facto, os princípios do reino encontrados no Sermão da Montanha transcendem os da Lei de Moisés e até mesmo as regras e regulamentos adicionais adicionados pelos escribas e Fariseus. Deste modo, o nosso Senhor disse:

**"Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus." (Mateus 5:20).**

Encontramos repetidas vezes no Sermão da Montanha palavras como as seguintes: "Ouvistes que foi dito aos antigos:... *Eu, porém, vos digo....*" Por exemplo, em Mat. 5:21,22, lemos:

**"Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; mas qualquer que matar será réu de juízo.**

**"Eu, porém, vos digo que qualquer que, sem motivo, se *encolerizar* contra seu irmão, será réu de juízo ...".**

E de novo nos Vers. 27, 28:

**"Ouvistes que foi dito aos antigos: Não cometerás adultério.**

**"Eu porém, vos digo que qualquer que atentar numa mulher para a cobiçar, já em seu coração cometeu adultério com ela".**

E assim por diante, em caso após caso, o nosso Senhor cita a Lei de Moisés, ou os ensinamentos gerais sobre a Lei e, depois, define um padrão ainda mais elevado, julgando os próprios motivos do coração.

---

<sup>4</sup> Ou seja, ocupam a posição de Moisés. A palavra cadeira, aqui, é *kathedra*, significando cátedra, ou cadeira de autoridade.



Claramente, então, "a plenitude dos tempos", referida por Paulo em Gál. 3:13 e 4:4,5, ainda não havia chegado, pois em vez de remir os Seus ouvintes do que Paulo chama de "a maldição da lei", o nosso Senhor tornou os Seus preceitos e proibições ainda mais penetrantes e vinculativos. E isso por uma razão muito boa. Visava impressionar ainda mais os homens sobre a sua condição depravada e a impossibilidade de poderem prestar perfeita obediência a Deus - consequentemente a sua profunda necessidade de um Salvador. Tal como acontece com a Lei, o Sermão da Montanha ensinou a sua maior lição *historicamente*. Demonstrou que o homem precisa de Cristo, primeiramente não como Rei para reinar sobre ele e mostrar-lhe um modo de vida feliz, mas como *Salvador* para pagar a pena dos seus pecados e libertá-lo do juízo vindouro.

Nós cedemos sem reservas aos pregadores do "evangelho social", que o Sermão da Montanha ensina bom governo, boas relações humanas, e boa conduta em geral, porém não trata da absoluta impossibilidade do homem decaído alcançar esse objetivo<sup>5</sup>, sendo a natureza humana o que é. O tempo para isso ainda não havia chegado.

Mas será que a natureza humana alguma vez mudará? Será que tais relações felizes, conforme é descrito no Sermão da Montanha acontecerão realmente alguma vez? Sim, ocorrerão, quando Cristo voltar à Terra para reinar.

## A LEI NO REINO

É em relação com o futuro reino Messiânico que o "*concerto novo* com a casa de Israel e com a casa de Judá" será cumprido (Jeremias 31:31-34; Ez 36:24-28). De acordo com os termos deste concerto, Deus diz ao Seu povo errante:

**"E porei dentro de vós o Meu Espírito, e farei que andeis nos Meus estatutos, e guardeis os Meus juízos, e os observeis" (Ez 36:27).**

Quando esta promessa se cumprir, a nação de Israel será tão ricamente abençoada que a bênção fluirá para todas as nações, e as nações, em resposta "concorrerão" à "casa do Senhor" em Jerusalém (Isaías 2:2).

**"E virão muitos povos, e dirão: Vinde, subamos ao monte do Senhor, à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine o que concerne aos Seus caminhos, e andemos nas Suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e de Jerusalém a Palavra do Senhor " (Isaías 2:3).**

Três grandes mudanças ocorrerão em relação ao retorno do nosso Senhor que facilitarão grandemente o comportamento piedoso por parte do homem. O *mundo*, a *carne* e o *diabo*, estes três grandes inimigos do homem, ficarão sob o controlo do Messias.

Quanto ao *mundo*, lemos a respeito desse dia:

**"... Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e Ele reinará para todo o sempre" (Apocalipse 11:15).**

---

<sup>5</sup> Nem, geralmente, os pregadores do "Evangelho social".

Portanto, então, será *bom* ser mundano. O *mundo* será bom. Será o *Seu* mundo.

Quanto à "carne", sabemos que durante o reinado do reino de Cristo a doença será abolida (Isaías 35:3-6) e "*o mancebo morrerá de cem anos*", e se ele morrer, será porque ele foi amaldiçoado por algum pecado (Is 65:20). A ideia é que, evidentemente, uma pessoa que morra com cem anos de idade será considerada uma mera criança, pois com o Grande Curador entre eles, os homens não precisam de morrer. Com o corpo humano assim fortalecido será muito mais fácil resistir à tentação. Mas, *tentação*? Agora não só o mundo será um mundo *bom* e a carne colocada sob controlo, como o diabo será preso no abismo:

**"Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o Diabo e Satanás, e amarrou-o por mil anos.**

**"E lançou-o no abismo, e ali o encerrou, e pôs selo sobre ele, para que mais não engane as nações, até que os mil anos se acabem ...." (Apocalipse 20:2,3).**

Pense quanto mais fácil será fazer o que está certo e bom, quando o mundo, a carne e o diabo estiverem assim todos sob o controlo do Messias!

E tudo isto *acontecerá* quando o Senhor voltar para reinar. Os homens ímpios podem rir e zombar da própria ideia do retorno de Cristo à Terra, mas nós podemos sofrer as suas zombarias. O senso comum, bem como a Palavra de Deus, diz-nos que Deus não vai deixar que este mundo seja sempre um cenário de angústia e miséria e opressão e ganância, e ódio e intrigas, e violência e de exércitos em operação e de doenças e sofrimento e morte. Não será sempre um cenário de hospitais e instituições para doentes mentais e prisões. Não! O nosso Senhor Jesus Cristo, que pregou o Sermão da Montanha, e foi logo rejeitado e crucificado, voltará em poder e glória, e os preceitos deste Sermão serão cumpridos, predominando o modo de vida mais abençoado.

## **O SERMÃO E PENTECOSTES**

Mas, para além do senso comum e das predições da Bíblia Deus deu-nos uma *demonstração* destas futuras coisas benditas. No dia de Pentecostes o Espírito Santo *tomou posse* dos discípulos, pois lemos que eles foram "*batizados*" e "*cheios*" com o Espírito Santo, quando o dia de Pentecostes se cumpriu (Atos 1:5; 2:1,4). Os resultados: eles não só começaram a falar em línguas e a realizar sinais miraculosos, como começaram a viver espontaneamente os Dez Mandamentos e o Sermão da Montanha.

Nos primeiros capítulos do livro dos Atos é impossível encontrar um pecado, um engano ou até mesmo uma incorreção entre os discípulos. Eles viviam todos para o Senhor e uns para os outros - *espontaneamente*. Em Atos 4:32, quando o número dos discípulos aumentou para "cerca de cinco mil homens" apenas (talvez 30 a 40.000 com mulheres e crianças), lemos:

**"E era um o coração e a alma da multidão dos que criam, e ninguém dizia que coisa alguma do que possuía era sua própria, mas todas as coisas lhes eram comuns".**

Pense nisto! Houve algum período de tempo durante este "presente século mau", em que cinco mil, ou quinhentos, ou cinquenta, ou até cinco crentes estiveram *completamente* de acordo? O facto é que, hoje, nem mesmo duas pessoas podem

estar completamente de acordo em tudo, a não ser que uma delas seja mentalmente incompetente e siga servilmente a outra. No entanto, aqui estavam cinco mil homens (talvez 30-40.000 pessoas), tão totalmente com "um só coração e uma só alma" que nenhum deles dizia que qualquer coisa que tivesse fosse sua, mas tinham tudo em comum. Eles viviam realmente uns para os outros.

Contudo, como vimos, o Rei e o Seu reino foram novamente rejeitados pela nação favorecida,<sup>6</sup> pelo que *esta* operação do Espírito Santo cessou. Logo a seguir, o registo mostra os discípulos a falhar e a tropeçar de novo, como acontece com os crentes mais sinceros hoje.

Este breve período Pentecostal, então, foi um antegosto do reino Milenar, que capitulou juntamente com a *oferta* que os apóstolos fizeram do retorno de Cristo, por Israel não se ter arrependido (Atos 3:19-21).

Mas voltemos ao nosso Senhor e aos Seus discípulos quando Ele pregou o Sermão da Montanha, pois o nosso Senhor encerrou o Seu sermão com um desafio e um aviso, para mostrar quão totalmente vinculativas as Suas palavras eram para os Seus ouvintes. A linguagem é clara, e é forte. Os princípios e os preceitos do Sermão do Monte não devem ser tomados de ânimo leve. Os que ouvem e *fazem* o que Ele manda, diz Ele, serão como uma casa construída sobre uma rocha, que ficará firme no meio das tempestades que sobrevirão, mas os que ouvem e *não* obedecem aos Seus mandamentos serão como uma casa construída sobre a areia, em que a sua ruína será completa (Mt 7:24-27).

Esta séria advertência indica quão grande erro é supor, como alguns supõem, que podemos viver pelo Sermão da Montanha, de uma forma geral e ainda *desobedecer* a muitos dos seus preceitos específicos.

Tem sido dito, por exemplo, que se devemos estar *dispostos* a obedecer aos mandamentos do nosso Senhor para vender todos os nossos pertences terrenos e dá-los aos pobres *Ele deveria pedir-nos para fazer isso!* Porém o nosso Senhor *mandou* os Seus discípulos fazer isso, não só no Sermão da Montanha, como uma e outra vez na Sua pregação do "Evangelho do reino". No entanto, aqueles que pregam o "evangelho social" do Sermão da Montanha não obedecem a esta injunção. Muitos nem sequer se atrevem a pregar esta parte do sermão. Eles simplesmente tomam dois comprimidos para as dores de cabeça, por assim dizer, e tentam esquecer o assunto. Contudo o nosso Senhor encerrou o Sermão com a advertência séria: "Obedece ou perece", um aviso que os nossos pregadores do "evangelho social," deveriam dar ouvidos.

### **Manejando bem a Palavra da verdade**

Quão importante, então, é obedecer a II Tm. 2:15 e compreender o que o Sermão da Montanha ensina acima de tudo. Que bem faz dizer a um pecador condenado para ser bom e fazer o bem de acordo com os Dez Mandamentos e o Sermão da Montanha? Primeiro, ele "já está condenado" (Rom. 3:19, João 3:18) e, segundo, a sua natureza depravada impede-o de ser bom ou de fazer algo que possa agradar a Deus (Rm 8:8).

Pelo contrário, devemos proclamar a gloriosa mensagem enviada aos homens pecadores pelo Senhor ascendido, glorificado. Devemos dizer como "*Cristo nos*

---

<sup>6</sup> Mesmo perante esta demonstração impressionante das bênçãos do reino.

*resgatou da maldição da lei, fazendo-Se maldição por nós" (Gl 3:13). Devemos dizer como Ele pagou a penalidade total dos nossos pecados, despojando totalmente Satanás e a Lei dos seus clamores contra nós. Este é "o Evangelho da graça de Deus", que foi inicialmente confiado ao Apóstolo Paulo e agora a nós.*

Depois da lei ter sido dada por Moisés, e dos seus padrões terem sido ainda mais elevados pelo Senhor Jesus Cristo, o nosso Senhor foi ao Calvário e pregou a Lei à cruz (Col. 2:14), e *agora - que diferença!*

**"Mas agora se manifestou SEM A LEI a justiça de Deus..." (Rom. 3:21).**

**"Para demonstração da Sua [de Cristo] justiça neste tempo presente, para que Ele seja [simultaneamente] justo e justificador daquele que tem fé em Jesus" (Rm 3:26).**

Anote bem que sob a "Grande Comissão" aos onze era: "Quem crer e *for batizado* será salvo" (Marcos 16:16), e Pedro, operando sob esta comissão em Pentecostes ordenou aos seus ouvintes convictos:

**"Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, *para perdão dos pecados ...*" (Atos 2:38).**

Mas aqui, em Rom. 3:26, o batismo na água não é requerido para a remissão dos pecados. Agora, Deus proclama a *justiça de Cristo*, para remissão dos pecados, "para que Ele seja justo" e ainda assim "justificador *daquele que tem fé em Jesus*" - *ponto final!* Bendito fim de frase! Maravilhosa graça!

## CAPÍTULO III

### MATEUS 5 e ROMANOS 5

#### A LEI E OS PROFETAS

Em Mateus 5:17 o nosso Senhor declarou claramente o Seu objetivo ao pregar o Sermão da Montanha:

**"Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas: não vim abrogar, mas cumprir".**

É verdade que o nosso Senhor cumpriu a Lei por nós, transgressores<sup>7</sup> da lei, de forma dupla: Ele obedeceu perfeitamente à Lei na Sua vida e Ele morreu como um transgressor da lei, pagando a penalidade da Lei transgredida por nós na Sua morte. Contudo, não acreditamos que o nosso Senhor tenha tido isto em mente quando disse que ele não tinha vindo destruir, mas cumprir a Lei e os profetas.

1. Só muito mais tarde, em Mat. 16:21, é que lemos:

**"Desde então começou Jesus a mostrar aos seus discípulos que convinha ir a Jerusalém, e padecer muito ... e ser morto e ressuscitar ao terceiro dia".**

Portanto, no Sermão da Montanha do Senhor Ele dificilmente poderia ter falado da Sua morte futura pelo pecado.

Nós não devemos ler a doutrina da justiça imputada dada por Deus a Paulo no Sermão da Montanha, pois somos claramente informados que quando Jesus *começou* a falar aos Seus discípulos sobre A Sua morte e ressurreição futuras, Pedro *repreendeu-O* por pensar que Ele seria morto (Mat.16:22), e *nenhum* dos doze entendeu de que é que Ele estava sequer a falar (Lucas 18:34).

2. Aqui em Mat. 5:17 o nosso Senhor afirma que Ele veio para cumprir a Lei e os *profetas*. Isso corresponde à mensagem que Ele e os Seus apóstolos tinham estado a pregar: "O Evangelho *do reino*". Este reino, há muito profetizado e descrito tão graficamente nas Escrituras do Antigo Testamento, basear-se-á nos princípios e preceitos do Sermão da Montanha, que por sua vez estava baseado na Lei Mosaica.

Portanto, quando o nosso Senhor reinar como Rei e os Seus súbditos seguirem os princípios do Sermão da Montanha, a Lei e os profetas serão cumpridos. Deus não somente terá de "colocar a lei nos seus corações", de modo a que eles obedeçam espontaneamente, como as gloriosas descrições do reino do Messias, chamadas por Pedro, "*tempos do refrigério*", também se cumprirão.

Repetimos, isso acontecerá apenas quando o Messias reinar e o Espírito Santo *tomar o controlo* do Seu povo e os *levar* a fazer a Sua vontade, como vimos em Ezequiel. 36:27. Quão erróneo, então, tornar o sermão do nosso Senhor no tema da nossa mensagem para a humanidade hoje! Que tolice supor que este será um mundo melhor se simplesmente dissermos às pessoas o que elas devem fazer e como devem viver!

---

<sup>7</sup> Rom. 2:15 e a última parte da Rom. 3:19 expõem o erro do ensinamento de que a Lei de Moisés não *afeta* os Gentios.

É verdade que o Sermão da Montanha advoga a humildade, a justiça, a misericórdia, a pureza, a paz, a paciência, o perdão e tudo o que é bom. Estimula os que são perseguidos a dar a outra face. Exorta todos os que são abençoados com bens materiais a compartilhar os seus pertences com os outros, a amar os inimigos, a não haver preocupação com o dia de amanhã, a buscar primeiro o reino de Deus, etc. Portanto, se o Sermão da Montanha fosse obedecido este mundo seria de facto um mundo melhor para se viver. Porém, com a exceção de *um breve período de tempo* (em Pentecostes), quando os seguidores de Cristo foram "*batizados*" com o Espírito Santo e "*cheios*" do Espírito Santo (Atos 1:5, 2: 4), estas admoestações falharam em produzir os resultados desejados, e a razão disso encontra-se nas epístolas de Paulo, onde aprendemos a grande verdade de "*o mistério*", o segredo, "*que esteve oculto desde todos os séculos, e em todas as gerações, e que agora foi manifesto aos seus santos*" (Colossenses 1:26).

Passemos então de Mateus 5 para Romanos 5.

## ROMANOS 5

Em Rom. 5:12, o Apóstolo salienta que:

**"Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens por isso que todos pecaram".**

Por conseguinte, o problema do homem não é de ambiente, mas de *hereditariedade*. Ele não é pecador porque peca; ele peca porque é pecador - *por nascimento, por natureza*. Poderíamos pegar em qualquer segmento da população do mundo e colocá-los no ambiente mais favorável – se tal fosse possível - e eles não voltariam melhores, pois o pecado está na nossa própria natureza.

Quantas vezes vemos as naturezas dos pais nos filhos e nos netos! Às vezes os pais perguntam: "Porque é que o Joãozinho nos desobedece e causa tantos problemas?" A resposta é simples: "Porque ele é *seu filho*."

O que procuramos enfatizar é um facto que já devia ser perfeitamente óbvio: que a pregação dos Dez Mandamentos e do Sermão da Montanha não mudarão a humanidade, simplesmente porque o homem, na sua condição decaída, é *mau*; não é bom. O homem justo aos seus próprios olhos nega isto, mas a Palavra de Deus insiste, e ela é amplamente confirmada pela observação pessoal e pelas notícias nos *media*.

No mesmo quinto capítulo de Romanos, como em todas as suas epístolas, o apóstolo Paulo proclama a mensagem maravilhosa da graça a que nos temos referido.

Em Romanos 5 lemos três vezes que Cristo morreu pelo homem decaído. Falando historicamente da raça humana, o Apóstolo começa por dizer:

**"Porque Cristo, estando nós ainda *fracos*, morreu a Seu tempo pelos ímpios" (5:6).**

Assim, Cristo morreu por nós, na nossa *impotência*, tão completamente impotentes e

incapazes estávamos de nos salvarmos a nós mesmos do pecado e das suas consequências. Mas porque é que esta passagem rotula o homem não salvo de "ímpio"? Podemos quase ouvir alguns leitores não salvos protestarem: "Eu não sou uma pessoa *ímpia*. Eu vou à igreja, oro e até leio a Bíblia." Mas o autor pode responder a este leitor da seguinte forma: Suponha que tenho de apresentá-lo a um amigo, e lhe digo: "Eu quero que conheça aqui o meu amigo. Ele é um homem muito piedoso." Não ficaria embaraçado? Porquê? Porque sabe no seu coração que *não* é piedoso; e se não é piedoso não é *ímpio*? E não deve aceitar a boa notícia de que Cristo morreu pelos ímpios?

Mais adiante, o apóstolo declara:

**"Mas Deus prova o Seu amor para connosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores" (5:8).**

Portanto Cristo morreu por nós na nossa *pecaminosidade*.

Que grande diferença entre os Dez Mandamentos e o Evangelho da graça de Deus! Em Êx. 20:6, no registo dos Dez Mandamentos, Deus promete "misericórdia em milhares aos *que Me amam e guardam os Meus mandamentos*", mas aqui em Rom. 5:8 somos assegurados de que "prova o Seu amor para connosco, em que *Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores*." Que amor infinito; que graça ilimitada!

Finalmente, em Rm. 5:10, o Apóstolo conduz-nos ainda mais longe:

**"... sendo *inimigos*, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho."**

Quão belo! Na nossa *impotência*, na nossa *pecaminosidade*, sim, até na nossa *obstinação* e *rebelião*, "Cristo morreu por nós", e enviou Paulo, ele próprio o principal dos pecadores, salvo pela graça, a proclamar uma amnistia, oferecendo paz e reconciliação aos Seus inimigos tendo por base o sangue derramado no Calvário.

Quão apropriados, então, são os versos finais de Romanos 5!

**"Veio, porém, a lei para que a ofensa abundasse; mas, onde o pecado abundou, *superabundou a graça*;**

**"Para que, assim como o pecado reinou na morte, TAMBÉM A GRAÇA REINASSE PELA JUSTIÇA PARA A VIDA ETERNA, POR JESUS CRISTO NOSSO SENHOR" (Rm 5:20,21).**

Durante o reinado do reino de Cristo, quando os Dez Mandamentos e o Sermão da Montanha se cumprirem, a *justiça* reinará. Mas agora, embora os dias sejam maus e a impiedade abunde, embora a justiça seja espezinhada e Cristo continue exilado, *A GRAÇA REINA!* E isso não por falta de rigor ou lassidão, mas "*pela justiça*", ou seja, a justiça de Cristo *no pagamento da penalidade* dos nossos pecados, de modo que agora é um ato justo da parte de Deus justificar o pecador que crê: "*... para que Ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus*" (Rm 3:26).

## CAPÍTULO IV

### AS BEATITUDES

Embora muitas das declarações do nosso Senhor no Sermão da Montanha possam ser, no todo ou em parte, aplicadas a nós hoje, o sermão *não* contém, claramente, "o Evangelho da graça de Deus" nem engloba o programa para o Corpo de Cristo, a Igreja de hoje. Pertence, pelo contrário, ao "Evangelho do reino", que o nosso Senhor e os Seus discípulos proclamaram tendo em vista o Seu reinado sobre Israel. Cumprir-se-á gloriosamente quando Ele voltar à Terra para ocupar o Seu lugar legítimo no trono de David (Jeremias 23:5, Lucas 1:32,33).

É uma triste realidade que muitos líderes da Igreja professa tenham involuntariamente ajudado a conduzir a Igreja, o nosso país e o mundo à sua presente confusão e agitação por não manejarem bem a Palavra da verdade e por pregarem o Sermão da Montanha e as Bem-aventuranças como se o Senhor estivesse dirigindo estas mensagens a nós. Esses líderes deveriam antes proclamar o "mistério" que mais tarde, da Sua glória no céu, o nosso Senhor confiou a Paulo e a nós relativamente à "dispensação da graça de Deus" (Atos 20:24; Ef. 3:1-4; II Tim 2:2).

Os tais devem examinar as Escrituras e ver como o reino Messiânico, *predito* na Palavra profética, e *proclamado como "próximo"*<sup>8</sup>, quando o nosso Senhor estava na Terra, foi realmente *oferecido* pelos apóstolos no dia de Pentecostes e, depois, *rejeitado* por Israel (Jeremias 23:5; Mat. 3:1,2; 4:17; 10:5-7; Atos 3:19,20; 7:51-53). Assim, o estabelecimento do reino foi suspenso até ao retorno do nosso Senhor para julgar e reinar.

Foi quando Estêvão foi arrastado para fora de Jerusalém e apedrejado até à morte<sup>9</sup> que Deus, em misericórdia e amor incomparável, interrompeu o programa profético e levantou *um outro* apóstolo para inaugurar uma dispensação *nova* e não profetizada: "*a dispensação da graça de Deus*" (Ef. 3:1-4). Era apropriado que o apóstolo e o arauto desta nova dispensação fosse Paulo, ele próprio o principal dos pecadores, salvo pela graça (I Tm. 1:13-16).

Quando pegamos nas nossas Bíblias e comparamos o Sermão da Montanha com as epístolas de Paulo, observando cuidadosamente o que ambos contêm e não contêm, nós encontramos um maravilhoso *modo de vida* na Terra proclamado no primeiro, mas nada sobre o plano de salvação de Deus do pecado pela graça apenas mediante a fé em Cristo. Contrariamente, nas epístolas de Paulo nós encontramos a mensagem bendita da abundante graça revelada aos pecadores, mas nada sobre reforma social, igualdade de direitos, vida comunitária ou qualquer coisa desse tipo. O apóstolo Paulo deixa claro que, com a rejeição de Cristo este mundo foi condenado a julgamento, mas que Deus, em graça protelou o julgamento de Israel e das nações, para que os pecadores pudessem individualmente encontrar perdão e salvação pela fé em Cristo, que morreu pelos nossos pecados.

**"Porque Deus encerrou a todos debaixo da desobediência, para com todos usar de misericórdia.**

**"Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os Seus juízos, e quão inescrutáveis os Seus caminhos!**

---

<sup>8</sup> "Arrependei-vos, porque está *próximo* o reino dos céus" (Mat. 3:2; 4:17; 10:7 RA e TB).

<sup>9</sup> Cumprindo a predição do nosso Senhor de Lucas 19:14.



**“Por que quem compreendeu o intento do Senhor? Ou quem foi Seu conselheiro?” (Rom. 11:32-34; cf. Eph. 1:7; Rom. 3:24).**

## **AS BEATITUDES**

**“E, abrindo a sua boca, os ensinava, dizendo:**

**“Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus;**

**“Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados;**

**“Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra;**

**“Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos;**

**“Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia;**

**“Bem-aventurados os limpos de coração; porque eles verão a Deus;**

**“Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus;**

**“Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus;**

**“Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem, e mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa.**

**“Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós.”**

**— Mateus 5:2-12.**

O registo mais completo do Sermão da Montanha encontra-se em Mateus 5 a 7, e a seguir à chamada "Oração do Senhor", a parte mais conhecida do Sermão é, sem dúvida, a seção conhecida como "As bem-aventuranças", em que cada versículo, menos o último, começa com a palavra "*Bem-aventurados*".

Contudo, a maioria das pessoas que leem estas bem-aventuranças falham em fazer as perguntas básicas: "*A quem* é que o nosso Senhor estava a falar? Em que *circunstâncias*? *Porque* é que Ele pregou este sermão?" Aplicando os seus preceitos a todos os homens da mesma forma, elas dizem que este é o modo como devemos viver. Mas serão elas ingénuas a ponto de supor que se todos nós continuarmos a *ler* sobre o assunto e a *falar* sobre ele, de alguma forma entenderemos e acabaremos por desfrutar do que os estadistas e políticos tão inutilmente procuraram alcançar: a paz e a fraternidade duradouras?

Os pregadores do Sermão da Montanha, de facto, parecem ser "demasiado ingénuos." Continuam a pregar sobre ética, formação de carácter, auto-aperfeiçoamento, motivação comunitária, etc., mas pouco ou nada sobre o plano inigualável de Deus da *salvação do pecado* por meio da redenção que Cristo fez por nós no Calvário. Eles continuam a falar sobre a paternidade de Deus e a fraternidade do homem, mas pouco ou nada sobre a *condição decaída* do homem e a sua necessidade desesperada de

um *Salvador*. Esta é a religião da Cristandade que resultou em grande parte da falha de obediência a II Tm. 2:15: "*manejar bem a Palavra da verdade*." Mas tal ênfase em boas obras nunca será bem sucedida na reforma da natureza humana decaída, e é um grande erro supor que foi esse o propósito do Sermão da Montanha.

## A QUEM É DIRIGIDO

A primeira pergunta que devemos fazer ao considerar o Sermão da Montanha é: *a quem* é que o nosso Senhor Se estava a dirigir nos Seus comentários?

A todos os homens? Com toda a certeza que não, pois Ele não só não foi enviado a *mais ninguém "senão às ovelhas perdidas da casa de Israel"*, como instruiu claramente os Seus apóstolos para *não* irem aos Gentios, ou mesmo aos Samaritanos, mas *tão-somente às "ovelhas perdidas da casa de Israel"* (Mt 15:24, 10:5,6). E, neste momento, Ele não estava sequer a dirigir-Se ao povo de Israel como tal, pois lemos que "vendo a multidão, subiu a um monte" e dirigiu-Se ali aos "*Seus discípulos*" (Mt 5:1). De facto, durante todo este sermão o nosso Senhor distingue os discípulos, os Seus seguidores, do mundo, até mesmo do mundo religioso à sua volta.

Certamente que Ele não estava a dirigir-Se aos membros da Igreja dos nossos dias, pois, como já começámos a ver, muito do que Ele disse não se aplica e não pode ser aplicado aos membros do Corpo de Cristo. Os misericordiosos hoje nem sempre alcançam misericórdia; os que choram não são, de modo algum, sempre consolados; os pacificadores não são geralmente chamados de filhos de Deus e, certamente, que os *mansos* hoje *não* herdaram a Terra. Nunca a herdaram desde que estas promessas foram feitas inicialmente.

Ao estudarmos este sermão, então, coloquemo-nos, na nossa imaginação, ali entre aquela audiência de crentes Judeus, pois certamente que tudo isto ocorreu bastante antes da Igreja de hoje, o Corpo de Cristo, ter vindo à existência.

As profecias do Antigo Testamento sobre o Messias, de que Ele havia vindo, haviam sido cumpridas, e o estabelecimento do Seu reino estava "próximo". É por isso que João Batista, o nosso Senhor e os Seus doze apóstolos proclamaram todos a mesma mensagem: "*está próximo o reino dos céus*"<sup>10</sup> (Mt 3:1-2; 4:17; 10:7). O Evangelho deles era "o Evangelho do *reino*", *não* "o Evangelho da graça de Deus", e certamente não "*a palavra [ou, mensagem] da cruz*".

Na verdade, este grande sermão e, especialmente, as suas bem-aventuranças, é uma das mais fortes evidências de que o Corpo de Cristo e toda esta dispensação da graça ainda era então um mistério, ou segredo, "oculto em Deus", como o apóstolo Paulo tantas vezes insiste (Ef 3:1-11; Col 1:24 - 2:2), pois o nosso Senhor dirigiu-Se aos Seus discípulos, o remanescente de crentes em Israel, como se o tempo profetizado da Grande Tribulação estivesse iminente e o estabelecimento do Seu reino ocorresse em breve.

As bem-aventuranças, então, dão-nos as características daqueles que serão os herdeiros do reino que um dia será estabelecido na Terra. Elas têm sido justamente chamadas, juntamente com o Sermão como um todo, a *Magna Carta do reino*.

---

<sup>10</sup> Notemos com cuidado: não um reino *no* céu. Eles referiam-se ao reino *dos* céus que será estabelecido *na Terra* (Ver Dan 2:44; cf Jer 23:5; Lucas 2:14; Mat 6:10).

Neste contexto, consideremos então cada uma das bem-aventuranças individualmente e vejamos como elas se harmonizam perfeitamente com o "Evangelho do reino", que o nosso Senhor e os Seus apóstolos tinham estado a pregar.

## **AS BEATITUDES INDIVIDUALMENTE CONSIDERADAS**

**"Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus" (Ver. 3).**

O reino milenar será composto, não por aqueles que são espiritualmente orgulhosos e presunçosos, mas por aqueles que têm consciência da sua necessidade espiritual. Não há nada que Deus odeie como orgulho e este não serão tolerado sob o reinado de Cristo. Pelo contrário, o seu reino será edificado sobre a humildade e o amor.

Todavia hoje não é pedido nada aos pecadores para que *sejam* algo, a fim de herdarem uma posição em Cristo, mas tão-somente que *confiem* n'Aquele que morreu pelos nossos pecados.

**"Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados" (Ver. 4).**

Esta promessa é particularmente significativa à luz das profecias do Antigo Testamento e de Pentecostes, pois este chorar tem uma relação especial com últimos dias de Israel. Isso é evidente quando consideramos a *essência* do ministério e mensagem de João Batista, do nosso Senhor na Terra e dos doze apóstolos. Como temos visto, todos eles instaram a apóstata nação de Israel a "arrepender-se" em vista do facto de que o reino dos céus estava próximo.

Em vez de arrepender-se, no entanto, Israel crucificou o seu Messias, mas em resposta à oração de nosso Senhor na cruz para que lhes perdoasse (Lucas 23:34), Deus deu graciosamente à nação outra oportunidade quando no dia de Pentecostes Pedro ofereceu-lhes o *retorno* de Cristo se eles ainda se arrependessem (Atos 2:38; 3:19-21). Mas, uma vez mais, em vez de se arrependerem eles confirmaram a sua terrível ação, apedrejando mesmo Estêvão até à morte e movendo uma guerra aos discípulos de Cristo.

E agora, será possível que a nação de Israel seja salva *sem se arrepender* dos seus pecados e da sua responsabilidade nacional pela crucificação de Cristo? As próprias Escrituras hebraicas dão a resposta. Considerem-nas cuidadosamente todos os que questionam como é que a nação de Israel será finalmente salva. Referindo-se ao cerco de Jerusalém nos últimos dias e do subsequente retorno de Cristo, Zacarias diz:

**"E sobre a casa de Davi, e sobre os habitantes de Jerusalém, derramarei o Espírito de graça e de súplicas; E OLHARÃO PARA MIM, A QUEM TRASPASSARAM; E O PRANTEARÃO COMO QUEM PRANTEIA POR UM UNIGÊNITO; E CHORARÃO AMARGAMENTE POR ELE, COMO SE CHORA AMARGAMENTE PELO PRIMOGÊNITO.**

**"NAQUELE DIA SERÁ GRANDE O PRANTO EM JERUSALÉM ...**

**"E A TERRA PRANTEARÁ, CADA LINHAGEM À PARTE ...**

**"... E SUAS MULHERES À PARTE ..." (Zac. 12:10-14).**

Que cenário! Naquele dia Israel responderá finalmente à chamada de Deus para se arrepender e voltar-se para Cristo, e os amigos e vizinhos, até mesmo maridos e esposas, ficarão envergonhados a olhar uns para os outros chorando o seu longo tempo de rejeição do seu Messias.

Isto concorda com as palavras de nosso Senhor em Mateus. 24:30:

**"... e todas as tribos da terra<sup>11</sup> se lamentarão, e verão o Filho do homem, vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória"**

Também concorda com Apocalipse 1:7:

**"Eis que vem com as nuvens e todo o olho o verá, até os mesmos que o traspassaram; e todas as tribos da terra [da Palestina] se lamentarão sobre Ele. Sim. Amém."**

Há muitas outras passagens do Antigo Testamento, ao longo desta linha, que indicam que a nação de Israel não será salva enquanto não se volver em arrependimento para o seu há muito crucificado e rejeitado Messias. Será então que a nação de Israel "pranteará". Então, e só então, não antes, é que se cumprirão as profecias que dizem:

**"Naquele dia haverá uma fonte aberta para a casa de Davi, e para os habitantes de Jerusalém, contra o pecado, e contra a impureza" (Zac. 13:1).**

**"Assim voltarão os resgatados do Senhor, e virão a Sião com júbilo, e perpétua alegria haverá sobre as suas cabeças: gozo e alegria alcançarão, a tristeza e o gemido fugirão.**

**"Eu, Eu sou aquele que vos consola ..."**

**"Consolai, consolai o Meu povo, diz o vosso Deus.**

**"Falai benignamente a Jerusalém, e bradai-lhe que já a sua malícia é acabada, que a sua iniquidade está expiada e que já recebeu em dobro da mão do Senhor, por todos os seus pecados" (Isaías 40:1,2).**

A ordem histórica, ou dispensacional, dos eventos discutidos acima, é claramente evidente numa breve passagem em Isa. 61:1-3:

**"O Espírito do Senhor Jeová está sobre Mim<sup>12</sup>; porque o Senhor Me ungiu, para pregar boas novas aos mansos: enviou-Me a restaurar os contritos de coração, a proclamar liberdade aos cativos, e a abertura de prisão aos presos;**

**"A apregoar [1] o ano aceitável do Senhor e [2] o dia da vingança do nosso Deus; a consolar todos os tristes;**

**"A ordenar acerca dos tristes de Sião que se lhes dê ornamento por cinza, óleo de gozo por tristeza, vestido de louvor por espírito angustiado; a fim de que se chamem árvores de justiça, plantação do Senhor, para que Ele seja glorificado".**

---

<sup>11</sup> A palavra Grega *ge* é usada tanto para a Terra como terra [da Palestina]. Associada como está aqui com Israel e com as "tribos", cremos que o termo "terra da Palestina" é o entendimento correto.

<sup>12</sup> Isto é, Cristo (Lucas 4:18).

Destas e de outras profecias do Antigo Testamento, aprendemos o significado da promessa de nosso Senhor nas bem-aventuranças, "*Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados*".

Mas é assim que os homens são salvos hoje? De maneira nenhuma, pois quando Deus interrompeu o programa profético introduzindo a dispensação da graça, Ele enviou Paulo para anunciar a todos os homens que Deus havia *entronizado a graça* (Rm 5:20,21), confiando-lhe "o *Evangelho*", a *boa notícia* "da graça de Deus" (Atos 20:24). Ao contrário de Pedro no dia de Pentecostes, Paulo não acusa os homens da crucificação de Cristo. Ele não diz: "Vós O crucificastes." Pelo contrário, ele diz:

**"[Deus] O fez pecado por nós; para que n'Ele fôssemos feitos justiça de Deus " (II Coríntios. 5:21).**

Em Rom. 5:10 ele faz a admirável declaração de que "nós, sendo inimigos, fomos *reconciliados* com Deus pela *morte de SEU Filho*".

Enquanto, de acordo com o programa *profético*, a cruz fez a inimizade entre Deus e o homem (Sl 2:1-5; 110:1), Paulo declara que de acordo com o *segredo e propósito eterno* de Deus, a inimizade foi *morta* pela cruz, ou seja, Ele *contou* aquela morte como o pagamento pelos nossos pecados, de tal modo que Ele pôde "*evangelizar [ou, pregar] a paz*" a nós Gentios, que estavam "longe e paz também aos [Judeus] que *estavam* perto" (Ef 2:16,17).

Assim, na mensagem de Paulo, o nosso Senhor não é mais visto no Calvário como uma vítima, mesmo uma vítima voluntária, mas como o *Grande Vencedor* sobre Satanás, o pecado, a morte e a Lei. Foi Ele que fez uma exposição pública de Satanás e de todas as suas hostes no Calvário, triunfando "*em Si mesmo*" [isto é, na cruz<sup>13</sup>] (Col. 2:15), simultaneamente removendo a Lei que era contra nós, "cravando-a na cruz" (Ver. 14). Foi Ele que, na cruz, pagou o preço justo pelos nossos pecados e nos libertou do medo da morte (Hebreus 2:14). Onde é que, no Sermão da Montanha, nós encontramos algo assim?

Mas temos que nos apressar.

**"Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra" (Ver. 5).**

Já vimos no Ver. 3 que o nosso Senhor promete que os "pobres de espírito" herdarão o reino. Aqui Ele acrescenta que "herdarão a terra", e tudo indica que Ele terá escolhido estas palavras diretamente do Sl 37:11, onde lemos:

**"Mas os mansos herdarão a terra, e se deleitarão na abundância de paz".**

É óbvio que o nosso Senhor proferiu estas palavras com o reino em vista, pois certamente que hoje os mansos não herdam a terra. Nenhuma mudança ocorreu aqui desde que Ele pregou este Sermão. Quando esta promessa foi feita o Império Romano dominava com força brutal e durante os dezanove séculos que se seguiram têm sido tiranos como Júlio César, Napoleão Bonaparte, Adolfo Hitler, Benito Mussolini e José Estaline que têm adquirido grandes porções desta Terra (temporariamente, é claro) pela força da espada e conquista. Porém, quando o nosso Senhor voltar para reinar, os *mansos herdarão*, de facto, *a terra*. Que refrigério meditar nisto!

---

<sup>13</sup> "... triunfando deles *na cruz*" (Versão Revista e Atualizada).

Mas apesar de nós não herdarmos a Terra, é-nos dada uma posição em e com Cristo no mais alto Céu, pois por graça Deus fez-nos “*assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus*” (Ef 2:6), e fomos ali *abençoados “com todas as bênçãos espirituais ... em Cristo*” (Ef 1:3). E um dia, em corpos transformados ou ressurretos seremos “arrebataados” ao Seu encontro para com Ele ficarmos para sempre, não só posicionalmente, mas deveras, corporalmente (1 Ts 4:16-18; 1 Co 15:51,52). *Que dia de regozijo será esse dia!*

**“Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos” (Ver. 6).**

Não se deve supor que o Senhor Jesus fala aqui de justiça *imputada*, pois o grande tema da *Epístola de Paulo aos Romanos* não era, claramente, o tema da mensagem do nosso Senhor a estes discípulos Judeus.

Temos de, uma vez mais, colocarmo-nos na posição dos ouvintes do nosso Senhor se quisermos ter uma clara compreensão da Sua mensagem dirigida a eles. Sob o calcanhar brutal de Roma, o povo de Israel teve de suportar muita injustiça. Na realidade eles também sofreram muita injustiça dos seus próprios líderes religiosos (Mt 23:1-4), e observavam diariamente os seus procedimentos injustos (Vrs. 5-7). Portanto, havia, naturalmente, muitos cujos corações tinham fome e sede de justiça, e nesta bem-aventurança nós temos a promessa do nosso Senhor de que no Seu reino tal fome e sede de justiça serão plenamente satisfeitas.

As Escrituras do Velho Testamento confirmam uma vez mais esta interpretação da passagem,<sup>14</sup> pois Jer 23:5 declara que o nosso Senhor, no Seu reino vindouro, “praticará o juízo e a justiça na terra”, e Isa 11:4 assegura-nos que “com equidade reprovará, *em defesa* dos mansos da terra” (Tradução Brasileira). Ele julgará *a seu favor*. Mais uma vez, Isa 32:1 declara que sob o Seu reino “*dominarão os príncipes segundo o juízo*” e Isa 26:9 que “*os moradores do mundo aprendem justiça*”. Na realidade, a profecia do Velho Testamento está repleta de promessas e descrições da justiça que prevalecerá na terra nesse tempo. E assim, *aqueles que “têm fome e sede de justiça serão fartos”*.

Mas nas epístolas de Paulo o nosso Senhor *glorificad*o vai direto ao cerne do assunto, explicando que o caso do homem é impossível de se resolver fora da graça redentora. “... a Escritura”, diz ele, “encerrou *tudo* debaixo do pecado ...” (Gl 3:22), uma vez que “*Não há um justo, nem um sequer*” (Rm 3:10). De facto ele explica que a Lei foi dada com o propósito expresso de demonstrar a *injustiça* do homem, pois por ela “todo o mundo” tem sido “*condenável diante de Deus*” (Rm. 3:19). Daí a necessidade urgente de *justificação* do homem *diante de Deus* antes que ele mesmo comece a preocupar-se com a “justiça social”.

Graças a Deus esta necessidade foi gloriosamente suprida pela Sua graça, e tendo por base o sangue derramado do Calvário, pois ao introduzir a presente “dispensação da graça de Deus”, o Apóstolo exclama:

---

<sup>14</sup> Um maior conhecimento das Escrituras do Velho Testamento facilita muito a compreensão das Bem-aventuranças, ou Beatitudes, e de todo o Sermão da Montanha. Na realidade, é esta *a chave* da sua compreensão.

**“MAS AGORA se manifestou sem a lei a justiça de Deus ... Isto é, a justiça de Deus pela fé em<sup>15</sup> Jesus Cristo ... Sendo justificados gratuitamente pela Sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus ... Para demonstração da Sua [de Cristo] justiça neste tempo presente, PARA QUE ELE [DEUS] SEJA JUSTO E JUSTIFICADOR DAQUELE QUE TEM FÉ EM JESUS” (Rm 3:21-26).**

Bem-aventurados são, na realidade, os que têm fome e sede *desta* justiça!

Aleluia! A redenção efetuada por Cristo no Calvário tornou justo Deus justificar pecadores que creem! Assim Paulo, ao escrever aos crentes Filipenses, expressa o que J. Sidlow Baxter chamou de o anelo de um “coração intoxicado de Cristo”:

**“E seja achado *n’Ele*, não tendo a minha justiça que vem da lei, mas a que vem pela fé em<sup>16</sup> Cristo, a saber, a justiça que vem de Deus pela fé” (Fl 3:9).**

**“Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia” (Ver. 7).**

Apesar de ser verdade que no programa do reino mesmo “só que seja um copo de água fria”, dado “em nome de discípulo ...de modo algum perderá o seu galardão”, pensamos que a passagem acima tem a ver com a misericórdia *recíproca* revelada *entre os homens*. O amor espontâneo e recíproco prevalecerá nesse dia.

Também é verdade que, quanto ao seu caráter, o *princípio* de que aqueles que manifestam misericórdia geralmente, ou muitas vezes, alcançam misericórdia como retorno, é interdispensacional. No entanto, até agora, este princípio não tem operado consistentemente em nenhuma dispensação, nem mesmo na presente dispensação da graça de Deus. Pergunte às multidões de pessoas boas que viveram na Alemanha sob Hitler há escassas décadas, ou àquelas outras em Berlim Oriental que, neste momento,<sup>17</sup> são mantidas em cativeiro como animais selvagens numa jaula, muitas delas separadas das suas famílias e entes queridos.

Ah, mas o reinado do nosso Senhor inaugurará um novo dia luminoso, em que os “misericordiosos ... *alcançarão* misericórdia”, não sendo, de todo, por Sua causa que estes “tempos de refrigério” ainda não se concretizaram na Terra (Ver Lc 19:41,42; Mt 23:37-39).

Contudo, Deus providenciou algo melhor, para os que confiam em Cristo durante este “presente século mau”, pois *nós* podemos-nos regozijar no glorioso “Evangelho da graça de Deus”. Outrora éramos “*filhos da desobediência*”, e por conseguinte “*por natureza filhos da ira*”,

**“Mas Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo Seu muito amor com que nos amou,**

**“Estando nós ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou juntamente com Cristo (pela graça sois salvos),**

**“E nos ressuscitou juntamente com Ele e nos fez assentar nos lugares**

---

<sup>15</sup> Nota: “a fé *de*”, não “fé *em*”, pois ele fala subjetivamente do facto de que Cristo, tendo pago a nossa dívida no Calvário, *manterá a fé* relativamente a todos os que confiam n’Ele para a salvação.

<sup>16</sup> Novamente subjetiva. Ver atrás, e a brochura do Autor, *A fé de Cristo*.

<sup>17</sup> Quando o autor escreveu ainda não se tinha dado a unificação da Alemanha.

celestiais, em Cristo Jesus;

***“Para mostrar nos séculos vindouros as abundantes riquezas da Sua graça, pela sua benignidade para connosco em Cristo Jesus” (Ef 2:4-7).***

Assim apesar de, por enquanto, este mundo conhecer pouco ou nada das bênçãos que prevalecerão sobre a Terra durante o milénio, o povo de Deus hoje está *abençoado “com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo”* (Ef 1:3).

**“Bem-aventurados os limpos de coração; porque eles verão a Deus” (Ver. 8).**

É na famosa profecia de Isaías sobre a vinda do Filho de Deus nascido de uma virgem, que o Seu nome é chamado de *“Emanuel, que traduzido é: Deus connosco”* (Mt 1:23; cf. Is 7:14). O crente Judeu, por conseguinte, via *Deus* em Cristo, quando Ele veio à Terra (João 1:1,14; Mt 16:16), apesar de na verdade a Sua deidade estar velada sob a Sua humilhação.

Contudo, o nosso Senhor sabia, mesmo quando pregou no Sermão da Montanha, que Ele seria rejeitado por Israel e banido como um Exilado da Sua própria nação e do mundo que Ele próprio criou (João 1:10,11). Foi assim que Ele pregou aos *Seus discípulos* a promessa de que “os puros de coração” veriam “Deus”, e isto de facto será cumprido quando Ele voltar em glória para reinar.

Esta bem-aventurança, como todas as outras, baseia-se nas Escrituras do Velho Testamento. Na verdade, parece que o nosso Senhor se está a referir aqui a um dos grandes Salmos Milenares, o Salmo 24. Os versículos 3 e 4 deste Salmo dizem:

**“Quem subirá ao monte do Senhor, ou quem estará no seu lugar santo?**

**“Aquele que é limpo de mãos e puro de coração ...”**

Apesar do nosso Senhor não estar agora na Terra como “o Rei da Glória”, e nós não O podermos ver com os nossos olhos físicos, desfrutamos de uma posição *mais elevada* à mão direita de Deus em Cristo (Ef 2:6; Cl 3:1-3) e entretanto regozijamo-nos como Pedro se regozijava quando disse:

**“Ao qual, não O havendo visto, amais; no qual, não o vendo agora, mas crendo, vos alegrais com gozo inefável e glorioso”.**

**“Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus” (Ver. 9).**

Uma vez mais, apesar das palavras “Bem-aventurados os pacificadores” se aplicarem ao povo de Deus em todas as dispensações, a promessa que se segue aqui certamente que não. Nesta presente dispensação os pacificadores não são, de modo algum, sempre, ou mesmo geralmente, “chamados filhos de Deus”. Muitas vezes são chamados perturbadores.

Mas a passagem inteira aplica-se especificamente ao reino que o nosso Senhor proclamou como estando “próximo”.



O reino Messiânico será caracterizado, talvez principalmente, pela *paz* que então prevalecerá. Quando o nosso Senhor voltar para reinar,

**“... Ele exercerá o Seu juízo sobre as gentes, e repreenderá a muitos povos; e estes converterão as suas espadas em enxadões e as suas lanças em foices: não levantará espada nação contra nação, nem aprenderão mais a guerrear” (Is 2:4).**

Em Is 9:6 o Messias é chamado “*Príncipe da Paz*”, e o Ver. 7 acrescenta:

**“Do incremento deste principado e da paz não haverá fim ...”**

Mas antes que paz internacional possa ser alcançada tem de haver paz entre o povo de Deus, e essa é a própria essência do Sermão da Montanha: a paz que flui do amor sincero, e que um dia fluirá de Jerusalém até aos confins da Terra. Como membros da Igreja hoje, nós devemos procurar promover diariamente esta paz (Rm 14:19), não tendo em vista o reino que será estabelecido, mas como membros do “um só corpo” (Ef 4:3-6).

Mas enquanto não pode haver paz internacional antes do Senhor voltar para julgar e repreender as nações (Is 2:4), nem mesmo paz que prevaleça entre o povo de Deus em Israel, antes do Espírito tomar o controlo (Ez 36:27), a mensagem que somos comissionados a proclamar hoje é de “*graça e paz*”, não paz entre os homens, mas *paz pessoal com Deus*, tornada possível pela graça. Todas as epístolas de Paulo começam com a saudação:

**“Graça e paz da parte de Deus nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo”.**

A paz que os homens desfrutarão sob o reino do Messias será grandemente destruída de novo, imediatamente no seu termo,<sup>18</sup> como lemos em Ap 20:7-9, porém a paz que as epístolas de Paulo proclamam nunca será enfraquecida ou interrompida, pois é o dom da graça de Deus mediante a obra consumada de Cristo,

**“O Qual por nossos pecados foi entregue, e ressuscitou para nossa justificação.**

**“Sendo pois justificados pela fé, temos PAZ COM DEUS, por nosso Senhor Jesus Cristo” (Rm 4:25 – 5:1).**

E tendo vindo assim ao gozo da “paz com Deus” pela fé, só o nosso próprio pecado e incredulidade nos pode impedir de gozar “a paz de Deus” (Fil. 4:6,7).

Que Deus nos ajude a cumprir a nossa comissão proclamando reconciliação e paz a um mundo em inimizade com Deus, para que muitos possam vir a conhecer a “paz com Deus” e “a paz de Deus” (O leitor, aqui, deve estudar cuidadosamente 2 Cor. 5:14-21 e Efé. 2:11-18).

**“Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus;**

**“Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem, e mentindo, disserem todo o mal contra vós por Minha causa.**

---

<sup>18</sup> Apesar do reino e do Seu povo não serem destruídos (Is 9:7).

**“Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós (Vers. 10-12).**

Deve ser observado que os Vers. 10-12 são realmente uma bem-aventurança que tem a ver com a perseguição por que os discípulos do nosso Senhor estavam a passar. Assim, as Beatitudes abrem e encerram com a promessa aos fiéis seguidores do nosso Senhor de que “deles é o reino dos céus” (Vers. 3,10,11).

Nós, membros do Corpo de Cristo, a Igreja da presente dispensação, temos sofrido pelo menos algumas das expressões de hostilidade mencionadas na passagem acima, e por isso também nós receberemos recompensas generosas. Porém nunca nos é dito que *nosso* é o reino dos céus. Pelo contrário, a nossa *posição* é presentemente nos lugares celestiais, em Cristo, com a *perspetiva* de viver e reinar ali com Cristo.

Mas os discípulos do nosso Senhor não esperavam reinar com Ele *no Céu*? Não, pois o reino dos céus será estabelecido *sobre a Terra*, como demonstram claramente as seguintes Escrituras:

**“Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que levantarei a Davi um Renovo justo; e, sendo rei, reinará e prosperará, e praticará o juízo e a justiça na Terra” (Jer. 23:5).**

**“Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens” (Luc. 2:14).**

**“Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a Terra” (Mat. 5:5).**

**“Venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na Terra como no Céu” (Mat. 6:10).**

Estas e uma série de outras passagens a respeito do futuro reino devem ajudar-nos a compreender o programa de Deus para Israel, pois elas enfatizam o facto de que “o reino *dos céus*” será estabelecido *sobre a Terra*. Os Bereanos depressa tomarão nota de que as promessas de Deus para Israel são *todas terrenas* na sua esfera, enquanto que a nossa posição, as nossas bênçãos e a nossa perspetiva são *todas celestiais*.

Mas o nosso Senhor não promete aos Seus ouvintes, na sua última bem-aventurança: “é grande o vosso galardão *nos céus*”? Isso é verdade, mas não devemos ler nisto que Ele se referia a uma recompensa que eles receberiam quando alcançassem o Céu.<sup>19</sup> Em 1 Ped. 1:4 Pedro, o apóstolo da circuncisão, declara aos seus leitores que a sua herança está “*guardada no céu*” para eles. Semelhantemente em Apo. 22:12, uma passagem que tem diretamente a ver com o retorno de Cristo à Terra para reinar, nós lemos as Suas palavras:

**“E eis que cedo venho, e o Meu galardão está Comigo, para dar a cada um segundo a sua obra”.**

Por conseguinte, as recompensas que os discípulos do nosso Senhor esperavam estavam “guardadas” para eles “no Céu”, de onde Ele voltará para “dar a cada um segundo a sua obra”.

---

<sup>19</sup> Nós não tratamos aqui da situação dos que *posteriormente* entraram numa esperança alargada, mas ao que o nosso Senhor prometeu aos Seus discípulos *então*.

Que os Apóstolos se regozijaram nos seus sofrimentos por Cristo é verificado no registo dos Atos. Nos últimos versículos de Atos 5 lemos como os líderes religiosos baixaram ao nível dos comuns valentões, quando não encontrando qualquer razão justa para condenar os apóstolos, os espancaram e ordenaram depois que não falassem em nome de Jesus antes de os soltar.

Mas, os chicotes não trouxeram apenas sofrimento e dor, pois não iriam os apóstolos aguentar aquilo pelo bendito Messias, com quem esperavam estar a reinar em breve? Assim, o registo continua:

**“Retiraram-se pois da presença do conselho, regozijando-se de terem sido julgados dignos de padecer afronta pelo nome de Jesus.**

**“E todos os dias, no templo e nas casas, não cessavam de ensinar, e de anunciar a Jesus Cristo (Atos 5:41,42).**

Não admira que o registo continue:

**“Ora naqueles dias, *crescendo* o número dos discípulos ... E crescia a Palavra de Deus, e em Jerusalém se *multiplicava muito* o número dos discípulos (Atos 6:1-7).**

Mas quando chegamos às epístolas de Paulo, o sofrimento do crente assume completamente uma nova dimensão. É chamado de *"a comunhão dos Seus sofrimentos"*. De facto, em Filipenses 3:10 Paulo expressa o seu desejo:

**"Para conhecê-Lo, e à virtude da Sua ressurreição, e à *comunicação [ou, comunhão] de Suas aflições [ou, Seus sofrimentos]*, sendo feito conforme à Sua morte".**

Talvez esta frase, "a comunhão dos seus sofrimentos", possa ser melhor explicada comparando-a com outra passagem, na qual o Apóstolo declara:

**"Regozijo-me agora no que padeço por vós, e na minha carne *cumpro o resto das aflições de Cristo, pelo Seu corpo, que é a igreja;*" (Col. 1:24).**

O que é que o Apóstolo quer dizer aqui por "cumpro o resto<sup>20</sup> das aflições de Cristo"? Os sofrimentos de nosso Senhor não cessaram? Será que Ele não pagou o preço *total* pelos nossos pecados no Calvário?

A resposta encontra-se no "mistério", que era o tema da mensagem de Paulo. De acordo com as Escrituras proféticas o nosso Senhor ascenderia para tomar o Seu lugar à mão direita do Pai até que os Seus *inimigos* fossem feitos escabelo de Seus pés (Sl 110:1). À rejeição de Cristo por parte de Israel no dia de Pentecostes seguir-se-ia o julgamento de Deus na Grande Tribulação, e não havia nada na profecia que indicasse que este não se seguisse imediatamente àquela (Joel 2:28-32; Cf Atos 2:16 - 21).

Contudo, em insondável misericórdia e amor Deus prorrogou o "até" do Salmo 110:1, inaugurando a presente dispensação da graça. O Senhor rejeitado, em vez de voltar "para julgar e guerrear", envia agora aos Seus inimigos uma mensagem de "graça e paz", permanecendo voluntariamente no Exílio Real, enquanto os ímpios em massa continuam a rejeitá-Lo, a blasfemar do seu nome e a perseguir os Seus seguidores.

---

<sup>20</sup> Ou, o que ainda falta.

E quem é que realmente suporta a presente inimizade dos homens contra Cristo? A resposta é: *nós - ou deveríamos*. Quando o nosso Senhor levantou Paulo isso já se tornara claro. Paulo, então Saulo, tinha conduzido Israel e o mundo em rebelião contra Deus e o Seu Cristo, e levou muitos (homens e mulheres, Atos 9:2; 22:4) a sofrer e a morrer pelo nome de Cristo. E agora, em vez de esmagar a rebelião - e Saulo -, o Senhor permitiu que esta continuasse, *salvando* Saulo e enviando-o com uma oferta de reconciliação, por graça, apenas por meio da fé, com base no facto de *Deus* ter feito Cristo ser pecado *por nós*, para que nós pudéssemos ser feitos justiça de Deus n'Ele. Isto implicaria muito sofrimento.

Assim, o nosso Senhor disse a Ananias, a respeito de Paulo:

**"E Eu lhe mostrarei quanto deve padecer pelo Meu nome" (Atos 9:16).**

E assim Paulo sofreu perseguição e prisões e morte como um Embaixador do Cristo rejeitado. Mas este sofrimento para ele era doce pois não foi apenas *por Cristo* que ele sofreu; foi mais do que isso, pois ele agora suportava os sofrimentos que *o próprio Senhor* teria suportado se Ele agora estivesse na Terra. II Coríntios 5:20 explica claramente que Paulo *tomou o lugar do nosso Senhor* ao rogar que os homens se reconcilassem: "Rogamos-vos pois *da parte de Cristo*".

Como Cristo tinha ido ao Calvário *no lugar de Paulo*, assim Paulo estava agora diante dos homens *no lugar de Cristo* - e ele é o nosso exemplo; como Cristo foi ao Calvário *em nosso lugar* nós rogamos aos homens *em Seu lugar*, para que se reconciliem com Deus. Nós somos os Seus representantes pessoais na Sua ausência.

O homem declarou, em termos inequívocos, o corte de relações com Cristo, mas Cristo ainda não cortou relações com o homem. Ele ainda ama os homens e anseia que eles se salvem, tendo vindo expressamente à Terra para morrer pelos seus pecados.

Assim, Paulo, como embaixador de Cristo, chama agora aos seus sofrimentos "*a comunhão dos Seus sofrimentos*" e regozija-se por *cumprir "o resto das aflições de Cristo"*.

E ainda hoje o Senhor do amor e da glória continua Exilado do seu próprio mundo. E Ele ainda envia embaixadores – *nós* - para *rogarmos* aos homens no Seu lugar para que se reconciliem com Deus (II Coríntios. 5:18-19). E aqueles que O servem fielmente nesta capacidade ainda devem estar prontos para sofrer por isso. Ah, mas este é o sofrimento mais doce que o homem pode suportar: "*a comunhão dos Seus sofrimentos*".

Os crentes todos experimentam "*a comunhão dos Seus sofrimentos*"? Não. Não mais do que todos os discípulos em Atos sofreram *por Cristo*.

Mas note-se: em Fil. 3:10 o Apóstolo Paulo coloca "o poder da sua ressurreição" *antes* "da comunhão dos seus sofrimentos". "O poder da Sua ressurreição" não deveria *seguir-se* à "*comunhão dos Seus sofrimentos*"?

Na realidade, o apóstolo está a dizer aqui exatamente o oposto. Ele diz que entramos na comunhão dos sofrimentos de Cristo apenas *quando experimentamos o poder da Sua ressurreição*.

Em Ef. 1:19-21 aprendemos que Deus quer que cada crente saiba:

**“... qual a sobreexcelente grandeza do Seu poder sobre nós, os que cremos, segundo a operação da força do Seu poder,**

**“Que manifestou em Cristo, ressuscitando-O dos mortos, e pondo-O à Sua direita nos céus.**

**“Acima de todo o principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo o nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro”**

É na medida em que entramos neste grande verdade e deixamos que as nossas vidas sejam revolucionadas por ela, e nessa medida apenas, que o Seu poder será demonstrado no nosso ministério e, assim, e somente assim, experimentaremos o resto das aflições de Cristo e a doce "comunhão dos Seus sofrimentos". Satanás tem pouca inclinação para se incomodar com aqueles que não demonstram o poder da ressurreição.

Do exposto acima, é certamente evidente que o Sermão da Montanha envolve diretamente o remanescente de Israel, não o Corpo de Cristo; tem a ver com uma forma de vida na Terra, e não com o caminho da salvação para os pecadores necessitados neste "presente século mau", ou a gloriosa perspectiva que aguarda os crentes em Cristo hoje.

Como já dissemos, o Sermão da Montanha, e especialmente as bem-aventuranças, são a constituição do reino que será estabelecido na Terra, em Jerusalém; não têm a ver com o Corpo de Cristo e a sua posição e perspectiva celestial. Numa palavra: dizem respeito ao *reino* de Cristo, e não ao *Corpo* de Cristo.

O sermão e as suas Beatitudes mostraram aos ouvintes como ter boas relações humanas, mas não trataram da impossibilidade do homem alcançar isto na sua presente condição pecaminosa. Como a Lei, o Sermão da Montanha ensinou as suas lições mais importantes *historicamente*, pois após mais de 1900 anos, é certamente evidente que o homem, no seu estado atual, *não consegue viver*, certamente *não vive* de acordo com o Sermão da Montanha.

Nós temos pena daqueles que usam o Sermão da Montanha para pregar um "evangelho social", em vez de proclamarem o Evangelho da salvação tão claramente apresentado nas epístolas de Paulo, daqueles que, depois de todos estes séculos, não veem a futilidade de tentar melhorar a natureza humana.

Certamente que uma consideração correta das bem-aventuranças revelar-lhes-á que:

Os "pobres de espírito" hoje não herdam "o reino dos céus."

Aqueles que choram hoje nem sempre são consolados.

Os mansos hoje não "herdam a terra."

Os que "têm fome e sede de justiça" neste cenário de *injustiça* e *iniquidade*, não são "fartos".

Os misericordiosos de hoje, em troca, não "alcançam misericórdia" necessariamente, ou de forma consistente. Muitas vezes, recebem exatamente o oposto.

Não é aos "limpos de coração", hoje, que é prometido que "verão a Deus", mas aos

pobres pecadores que colocam a sua confiança em Cristo.

Nem "os pacificadores" são sempre, ou até mesmo de forma consistente, chamados de "filhos de Deus". Na verdade, aqueles que proclamam a grande mensagem da graça e da paz de Deus são frequentemente chamados de perturbadores. Em qualquer caso, não nos tornamos filhos de Deus por alguma virtude ou esforço nosso, mas somos antes filhos de Deus *em Cristo*, o Seu amado Filho (Ef 1:6).

Finalmente, aqueles que são "perseguidos por causa da justiça", hoje, não lhes é prometido que "deles é o reino dos céus". Pelo contrário, eles são instruídos como, pela fé, podem erguer-se acima dos problemas e tristezas deste mundo doente pelo pecado e desfrutar de *"todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais, em Cristo"* (Ef 1:3).

## ***CAPÍTULO V***

### **O SERMÃO DA MONTANHA E AS SUAS FINANÇAS**

#### **“TUDO EM COMUM”**

Aqueles que hoje proclamam o Sermão da Montanha certamente que não obedecem aos seus preceitos no que às finanças diz respeito. E estes preceitos estão claramente definidos.

**"Dá a quem te pedir, e não te desvies daquele que quiser que lhe emprestes" (Mt 5:42).**

**"... Não andeis cuidadosos<sup>21</sup> quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer ou pelo que haveis de beber; nem, quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o mantimento, e o corpo mais do que o vestido?"**

**"Olhai para as aves do céu, que nem semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas?" (Mt 6:25,26).**

Eis aqui onde tantos afirmam que o nosso Senhor *não poderia* ter querido dizer exatamente o que disse, mas estava antes a falar em termos gerais ou comparativos. Mas isso é uma tentativa de *diluir* os ensinamentos claros do nosso Senhor. De facto, numa passagem paralela em Lucas Ele foi ainda mais longe, ao encerrar os Seus comentários sobre o assunto, dizendo:

**“Buscai antes o reino de Deus, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.**

**“Não temas, ó pequeno rebanho, porque a vosso Pai agradou dar-vos o reino.**

**“Vendei o que tendes, e dai esmolas. Fazei para vós bolsas que não se envelheçam; tesouro nos céus que nunca acabe, aonde não chega ladrão e a traça não róí” (Lc 12:31-33).**

Mas o que é que os teólogos têm feito com esta passagem clara das Escrituras? Eles alteraram o seu significado completamente. O Ver. 31 é apresentado, de uma forma vaga, para ensinar que devemos buscar as *coisas* de Deus. O Ver. 32 é apresentado, ainda mais vagamente, para ensinar que embora um "pequeno rebanho" não precisamos de temer, pois Deus dar-nos-á a vitória. E quanto ao Ver. 33, raramente, de facto, o mencionam sequer. Que distorção da verdade!

Não há nenhuma necessidade de entender mal as palavras do nosso Senhor, nem se justifica, de alguma forma, a deturpação popular das mesmas, pois o seu significado é claro: 1. *Buscai o reino*. 2. É um prazer o vosso Pai *dar-vos o reino*. 3. *Vendei o que tendes, e dai esmolas*. Que autoridade têm os ensinadores populares de *alterar* os Vers. 31 e 32 e de ignorar totalmente o Ver. 33?

Como é que, então, os discípulos buscariam primeiro “o reino”, e teriam a certeza de que, assim, “todas estas coisas” ser-lhes-iam “acrescentadas”? Simplesmente dando ouvidos às Suas palavras e obedecendo aos princípios e mandamentos relativos ao estabelecimento do reino.

---

<sup>21</sup> Ou, “preocupados”.

E o que é que o nosso Senhor quis dizer quando disse que era do agrado do Pai *dar-lhes o reino*? Certamente que isso não deveria ser difícil de determinar, à luz das Suas palavras em Mateus 21:43, onde Ele diz aos governantes que O rejeitaram:

**“Portanto Eu vos digo que o reino de Deus vos será *tirado*, e será *dado* a uma nação que dê os seus frutos”.**

Notemos bem que Ele não disse que o *Evangelho* seria enviado aos *Gentios*, como esta passagem é geralmente interpretada quanto ao seu significado, mas que o *reino* seria dado a uma *"nação que dê os seus frutos"*, isto é, uma *nação* que dê os frutos do *reino* (como explica o Sermão da Montanha).

O reino, a autoridade, então, seria *"tirado"* aos então governantes de Israel e *"dado"* ao "pequeno rebanho" de Seus seguidores.

Assim, foi de facto do agrado do Pai "dar" o reino aos discípulos do nosso Senhor. Na realidade, Ele já havia designado doze homens para serem os principais governantes com Ele no seu governo:

**“E Jesus disse-lhes: Em verdade vos digo que vós, que Me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do homem se assentar no trono da Sua glória, também vos assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos d’Israel” (Mt 19:28).**

À luz destes factos, leiamos exatamente como eles são apresentados, como Lucas 12:33 segue-se naturalmente aos Versículos 31 e 32! 1. *Buscai* o reino. 2. É um prazer o vosso Pai *dar-vos* o reino. 3. *Vendei o que tendes, e dai esmolas*.

E, como vimos, quando estes discípulos foram "batizados" e "cheios" com o Espírito Santo levaram a cabo estas últimas instruções, vendendo as suas propriedades e bens e repartindo-os com todos conforme a necessidade de cada um (At 2:45). “... *Ninguém dizia que coisa alguma do que possuía era sua própria, mas todas as coisas lhes eram comuns*” (At 4:32).

Que modo de viver! E foi assim como eles *viveram*, tendo o retorno de Cristo e o estabelecimento do Seu reino em vista. Na realidade, esta é a forma como toda a nação de Israel teria vivido, se tivessem respondido em arrependimento e fé à oferta do retorno de Cristo e aos *“tempos do refrigério”* que Pedro lhes fez (At 3:19,20).

## **"CADA UM CONFORME O QUE PUDESSE"**

Mas quando Israel resistiu ao Espírito Santo e rejeitou o Messias e o Seu reino, mesmo após as manifestações poderosas de Pentecostes, Deus começou a interromper o programa profético. Passado pouco tempo foi prevista uma fome mundial que afetaria, é claro, esta economia Judaica, mais do que qualquer outra. Por conseguinte, os crentes da igreja *gentílica* em Antioquia “determinaram mandar ... socorro” aos irmãos da Judeia, não de uma tesouraria comum, mas *"cada um conforme o que pudesse"* (At 11:29).

De facto, a condição financeira dos santos da Judeia tornou-se tão crítica que antes do registo dos Atos terminar encontramos Paulo a angariar fundos entre as igrejas *gentílicas* da Acaia, Macedónia, Galácia e outras áreas, para *"os pobres dentre os santos que estão em Jerusalém"* (I Co 16:1; Ro 15:26), tão drasticamente tinha mudado o quadro.



E hoje nós encontramos-nos numa situação em que seria perigoso e errado seguir as instruções do nosso Senhor aos seus discípulos: "Olhai para as aves" e deixar de armazenar para o futuro. Pelo contrário, agora devemos dar novamente ouvidos à passagem das Escrituras, que diz:

**"Vai ter com a formiga, ó preguiçoso: olha para os seus caminhos, e sê sábio. A qual, ... prepara no verão o seu pão: na sega ajunta o seu mantimento" (Pr 6:6-8).**

## **PAULO E AS NOSSAS FINANÇAS**

Que este último modo de viver deve ser o nosso modo de vida durante "este presente século mau", é claro das palavras inspiradas pelo Espírito que o Apóstolo Paulo escreveu aos Tessalonicenses:

**"Porque, quando ainda estávamos convosco, vos mandamos isto, que, se alguém não quiser trabalhar, não coma também" (2 Ts 3:10).**

E foi sob a autoridade do Senhor glorificado que o Apóstolo escreveu a Timóteo:

**"Mas, se alguém não tem cuidado dos seus, e principalmente dos da sua família negou a fé, e é pior do que o infiel [descrente]" (1 Tm 5:8).**

No âmbito do programa do reino era *pecado* ser rico, pois todos tinham de vender os seus pertences e depositar os seus bens numa tesouraria comum que era repartida "por cada um, segundo a necessidade que cada um tinha". Quando Ananias e Safira tentaram aderir a este programa por meio do engano, retendo secretamente parte do preço de uma venda, eles foram golpeados com a morte (Atos 5:1-11). Esta foi a implementação do aviso com que o Sermão da Montanha termina.

De facto, quando o nosso Senhor na Terra disse ao jovem rico, "*vende tudo o que tens e dá-o aos pobres*", o príncipe "*retirou-se triste, porque possuía muitas propriedades*" (Mt 19:21,22). E quando o nosso Senhor declarou, além disso, que os ricos dificilmente entrariam "no reino dos céus", Ele não quis dizer que *não* entrariam no reino, mas que ser-lhes-ia *difícil* entrar, pois isso significaria *o abrir mão das suas possessões terrenas*.

Porém, sob "a dispensação da graça de Deus" não é pecado ser rico, se tais riquezas forem ganhas de forma justa e honesta, ou talvez herdadas, e forem usados para a glória de Deus. O Senhor ascendido, tem uma palavra especial, por meio de Paulo, para os membros do Corpo de Cristo que *são* ricos, e também para aqueles que *têm* os seus corações colocados nas riquezas.

"Os que querem ser ricos", diz ele, "*caem em tentação e em laço, e em muitas concupiscências loucas e nocivas, que submergem os homens na perdição e ruína*" (1 Tm 6:9). E a respeito dos que *são* ricos ele instrui Timóteo:

**"Manda aos ricos deste mundo que não sejam altivos, nem ponham a esperança na incerteza das riquezas, mas em Deus, que abundantemente nos dá todas as coisas para delas gozarmos;**

**“Que façam bem, enriqueçam em boas obras, repartam de boa mente, e sejam comunicáveis<sup>22</sup>;**

**“Que entesourem para si mesmos um bom fundamento para o futuro, para que possam alcançar a vida eterna” (1 Tm 6:17-19).**

Citamos aqui uma passagem do comentário do autor sobre 1 Timóteo<sup>23</sup>:

Assim, tão certo como Paulo advertiu tanto o pastor como as pessoas a não quererem "ser ricos", tão certo como os avisou dos perigos do "amor ao dinheiro", ainda havia a questão dos que "são ricos", pois alguns sem dúvida nasceram com grandes fortunas familiares. Ele não os exortou a vender os seus pertences e a distribuí-los para o bem comum. Pelo contrário, ele instruiu Timóteo a exortá-los, na verdade, a "mandar" que eles verificassem a sua atitude nas suas circunstâncias particulares. E quão sensatas e adequadas são as suas instruções:

1. Que eles *não fossem* “altivos”. A tentação para esta atitude entre os ricos é muito grande, mas não é compatível com a “*piedade*”. Na realidade, há boas razões para os ricos resistirem à altivez, como a próxima frase indica:

2. Que eles *não pusessem* “a esperança na incerteza das riquezas”. Quantas pessoas ricas têm aprendido por triste experiência a verdade de Pr 23:5: “... *porque certamente isso [riquezas] se fará asas e voará ao céu como a águia*”. De facto, muitos crentes ricos e autoindulgentes foram disciplinados por Deus, para seu bem, ao ficarem praticamente despidos.

3. Que eles confiassem “em Deus, que abundantemente nos dá todas as coisas para delas gozarmos”. O termo "Deus", aqui, mostra que as riquezas se podem tornar num ídolo, num deus morto, que, em tempos da mais profunda angústia, não pode nem ouvir, nem ajudar. Quanto melhor, então, curvar em adoração diante de "Deus", e reconhecê-Lo como Aquele que "nos dá todas as coisas para delas gozarmos", tendo consciência de que nós somos simplesmente Seus mordomos, Seus administradores. Se isso for feito com sinceridade o resto seguir-se-á naturalmente.

4. “Que façam bem, enriqueçam em boas obras, repartam de boa mente, e sejam comunicáveis” (Ver. 18). Nota: “Que façam bem”, não apenas “sejam bons”. Um crente rico pode ser piedoso na sua conduta, mas pode ser um verdadeiro avarento, agarrando-se tenazmente *àquilo que Deus lhe confiou*. Daí Paulo *mandar “aos ricos”,* que sejam contribuintes generosos, inclinados a comunicar [dar] alegremente com os [aos] outros. Este é o sentido da última parte de Ver. 18 e, é claro, esta inclinação alegre de dar aos outros aplica-se com mais importância ao dar aos outros as riquezas da graça de Deus, participando no custo de fazer a bendita mensagem amplamente conhecida.

Graças a Deus pelos homens e mulheres com meios que têm usado a sua riqueza para a Sua glória, investindo generosamente na causa de Cristo. Tais investimentos por parte dos filhos de Deus compreendem uma espécie de “ninho de ovos espiritual” para “o futuro” (Ver. 19), pois Deus não se esquecerá da sua fidelidade à Sua causa, quando o tempo de recompensas chegar. E, de facto, esta é uma importante forma de o rico poder “alcançar a vida eterna” (Ver. 19), colocando na vida cristã, o que seria rendimento para si.

---

<sup>22</sup> O sentido é o de um contribuinte generoso.

<sup>23</sup> Com algumas pequenas alterações.

Tem sido bem dito: "Não podes levá-lo contigo, mas podes enviá-lo adiantadamente". É exatamente isto que I Tim. 6:19 ensina.

Como tudo isto condena a pregação do evangelho social, e certamente a propagação do comunismo. Aqueles que pregam estas coisas e as baseiam no Sermão da Montanha estão a viver na *dispensação errada*.

## ***CAPÍTULO VI***

### **UMA ORAÇÃO MODELO**

Juntamente com as bem-aventuranças, a outra passagem mais conhecida do Sermão da Montanha do nosso Senhor é a chamada "Oração do Senhor"<sup>24</sup>. Nós usamos o termo "chamada" deliberadamente, pois, esta não é realmente a oração *do Senhor*. Ele não interrompeu o Seu sermão para Se dedicar à oração, mas *instruiu* os Seus discípulos sobre como *eles* deveriam orar. E Ele orou mais do que uma ocasião.

O termo "A oração do Senhor" descreveria com mais precisão a Sua oração ao Pai registada em João 17:1-26, onde Ele "levantando Seus olhos ao céu", *orou ao Seu Pai* naquelas horas tenebrosas antes do Seu julgamento e crucificação. Ou, tal expressão, no plural, poderia designar as três orações no Jardim do Getsémani, quando Ele "prostrou-Se em terra" e suplicou ao Pai "para que, se fosse possível, passasse d'Ele aquela hora", e, depois orou uma segunda vez e uma terceira, ainda "mais intensamente" (Marcos 14:35-41, Lucas 22:44).

Qualquer das orações acima poderia ser corretamente chamado a oração *do Senhor*, mas aqui em Mt 6:9-13 Ele faculta um modelo para os Seus discípulos, para ensiná-los *como* orar. E que modelo!

#### **ASSIM, ou DESTE MODO**

##### **Mateus 6:9-13**

**"Portanto, vós orareis assim: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o Teu nome;**

**"Venha o Teu reino, seja feita a Tua vontade, assim na terra como no céu;**

**"O pão nosso de cada dia nos dá hoje;**

**"E perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores;**

**"E não nos induzas à tentação; mas livra-nos do mal; porque Teu é o reino, e o poder, e a glória, para sempre. Amém".**

Se alguma vez houve uma oração *perfeita*, é esta. Não poderia ser menos do que perfeita, pois o próprio nosso Senhor deu-a aos Seus discípulos como uma oração modelo.

É interessante notar as circunstâncias que rodeiam a ocasião em que esta oração foi enunciada:

#### **SENHOR, ENSINA-NOS A ORAR**

---

<sup>24</sup> Conhecida pelos portugueses como "Pai-nosso".

**“E aconteceu que, estando *Ele a orar* num certo lugar, quando acabou Lhe disse um dos Seus discípulos: *Senhor, ensina-nos a orar*, como também João ensinou aos seus discípulos” (Lc 11:1).**

Imagine a cena!

O Senhor está só, orando como só Ele pode orar.

Ele está absorto em comunhão com o Pai, orando, sem dúvida, em voz alta, quando os Seus discípulos vieram a Ele.

Eles não podem interromper a cena sagrada. Eles ficam ali em silêncio reverente.

Ouvi-lo orar! Que intimidade! Que simplicidade! Que fé! Que pedidos ousados Ele faz! Apesar disso, como Ele submete humildemente tudo à vontade do Pai!

Esta é a segunda pessoa da Trindade! Deus, o Filho! Vê-lo agora, a *orar* fervorosamente! Como Ele Se humilhou!

Não admira que eles fiquem admirados em silêncio até ele acabar! E não admira que, quando Ele *cessou*, um deles tenha clamado, “*Senhor, ensina-nos a orar*”.

É claro que o pedido foi concedido!

Outras orações maravilhosas proferidas pelo nosso Senhor estão registadas para nós, mas esta é única no facto de Ele a ter-lhes dado como um modelo.

Uma exposição exaustiva da oração, aqui, não é, certamente, possível, mas examinemo-la pelo menos abreviadamente.

## **A ORAÇÃO PERFEITA**

Que intimidade impregnada de amor ela ensina!

“*Pai nosso*”.

E, no entanto, que santa reverência!

“*Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o Teu nome*”.

Ademais, Deus é o primeiro e o último na oração.

“*Santificado seja o Teu nome; venha o Teu reino, seja feita a Tua vontade ...*”

“*Porque Teu é o reino, e o poder, e a glória ...*”

Mas as necessidades do homem ocupam o lugar central!

“O pão nosso de cada dia *nos dá hoje*; e perdoa-*nos* as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores; e não *nos induzas à tentação*; mas livra-*nos do mal*”.

Aqui súplica fervorosa e fé implícita estão mescladas.

*“Venha o Teu reino, seja feita a Tua vontade, assim na terra como no céu ... porque Teu é o reino, e o poder, e a glória, para sempre. Amém”.*

Eis simplicidade na brevidade.

Algumas vezes tem sido perguntado em reuniões públicas: “Quanto de vós passam diariamente uma hora ou mesmo meia hora em oração?” Porém a Bíblia nunca trata assim a oração.

É-nos dito para orarmos “sem cessar” (nunca deixarmos de orar). É-nos dito para “perseverar” na oração, para orar “fervorosamente”, para orar “em tudo”, para orar “com ação de graças”, mas nunca nos é dito para orar *muito tempo*.

Sempre que surja ocasião, dobremos, sem dúvida, os nossos joelhos. O nosso Senhor, pelo menos numa ocasião, “passou a noite em oração a Deus”. Porém nunca tentamos mantermo-nos a orar simplesmente para agradar a Deus. Ele não pede isso e não o deseja.

As únicas referências que o nosso Senhor fez a respeito de orações compridas foi contra os líderes religiosos de então, “que devoram as casas das viúvas, e isso *com pretexto de largas orações*” (Mt 23:14). O Senhor repreendeu-os severamente pela sua hipocrisia e acautelou as multidões a seu respeito.

Na verdade temos aqui a oração perfeita. Temos aqui a intimidade mesclada com a reverência. A glória de Deus é aqui reconhecida, mas a necessidade do homem não é esquecida. Temos aqui a súplica fervorosa com confiança implícita, e a simplicidade na brevidade.

A vasta maioria de Cristãos professos, tanto Protestantes como Católicos, repetem esta oração vezes sem conta, muitas delas em uníssono.

Contudo, nós somos exceções a esta regra e é nosso propósito agora salientar exatamente porquê.

## **PORQUE NÃO A REPETIMOS?**

É realmente uma pena que esta questão precise de ser discutida de algum modo.

No Seu Sermão da Montanha o nosso Senhor prefaciou esta mesma oração com as seguintes palavras:

**“E, orando, não useis de vãs repetições, como os Gentios, que pensam que por muito falarem serão ouvidos. Não vos assemelheis pois a eles; porque vosso Pai sabe o que vos é necessário, antes de vós lho pedirdes” (Mt. 6:7,8).**

Como pode ser que *esta* seja exatamente a oração que a Cristandade escolheu repetir mais do que qualquer outra? Como pode ser que alguns repitam mesmo tantos “Pai-nossos” de uma só vez, quando Ele avisou exatamente contra esta prática?

*Quão contrário é à natureza humana!*

O nosso Senhor pronunciou esta oração uma vez aos Seus discípulos, mas alguma vez lemos da sua repetição? Se Ele quisesse que ela fosse repetida, não deveríamos ter nas Escrituras pelo menos *um* exemplo de que eles o fizeram?

O facto é que Ele avisou-os claramente *contra* o fazer-se “vãs repetições”, e disse “Portanto, vós orareis *assim* [ou, *deste modo*]”. O ensino do nosso Senhor aqui está em contradição direta com as repetições pagãs dos religiosos que ainda hoje parecem pensar que serão ouvidos pelo seu muito falar, como se a repetição desta oração uma centena de vezes fosse mais eficaz do que repeti-la uma só vez, duas, ou cinquenta vezes consecutivas.

Nas Escrituras não há absolutamente nenhum precedente para se repetir orações pré-feitas, e é claro que não há nenhuma instrução para o fazer. Este costume vem diretamente do paganismo. Nós encontramos na Bíblia muitas orações que foram registadas para nós, mas nem uma única vez vemos o povo de Deus a declamá-las ou recitá-las. Encontramo-los sempre a orar espontaneamente, do coração.

Que nós, então, dêmos ouvidos às instruções do nosso Senhor:

**“E, orando, não useis de vãs repetições, como os Gentios [os pagãos], que pensam que por muito falarem serão ouvidos.**

**“Não vos assemelheis pois a eles ...” (Vers. 7, 8).**

À pergunta, porque é que o Senhor chamou de vãs repetições, a resposta é simplesmente que nenhuma oração se ajusta, adapta, ou serve a toda a situação.

Ilustremos:

Digamos que eu tive a alegria de conduzir uma alma preciosa a Cristo. Tratava-se de uma criatura ímpia, iníqua até recentemente, mas agora, subitamente, ocorreu uma grande transformação na sua vida. Está esmagada com a alegria de pecados perdoados.

Contudo algumas coisas ainda a perturbam.

Estando ali, tocada pelo amor de Cristo, diz: “Não me pareço como um Cristão. Olhe para o meu vestuário. E devia arranjar trabalho, e trabalhar como as outras pessoas fazem. Depois, também, tenho sido uma pessoa blasfema, iníqua. Jurar parece ser parte da minha natureza. Não sei como conseguir parar isto.”

Eu sugiro que oremos sobre isto, mas a sua resposta é que nunca orou na sua vida e não sabe como orar. Por isso ensino-a a orar. Digo-lhe como a oração é simples – que deveria simplesmente dizer, “Senhor, necessito de um vestuário decente e de um trabalho, e oh, peço-Te que me ajudes a deixar de jurar. Peço-Te isto no nome do Senhor Jesus Cristo”.

Erguemo-nos da oração, e comovido pela pessoa, eu próprio arranjo-lhe roupa e trabalho e ele prossegue o seu caminho regozijando-se.

Agora, suponhamos que eu volto a encontrar a pessoa dez anos mais tarde, estando ela felizmente casada, com três filhos e a viver uma vida Cristã consistente.

Contudo, ao visitar o seu lar, descubro que um dos seus filhos está gravemente doente. Nós dobramos os nossos joelhos para orar pela criança, e ele começa: “Senhor, necessito de um vestuário decente e de um trabalho, e oh, peço-Te que me ajudes a deixar de jurar”!

Ridículo, dirá! Ninguém seria tão tolo. Ele é um Cristão já com dez anos!

Sim, na verdade é ridículo! No entanto, a “Oração do Senhor” é do mesmo modo repetida vezes sem conta. A mesmíssima oração que foi prefaciada com uma advertência para *não* se fazer vãs repetições tem-se tornado parte do ritual da Cristandade! É repetida em dificuldades e sofrimento, doença e morte, temporal e guerra, com quase nenhum respeito pelo seu conteúdo.

Imagine orar “O pão nosso de cada dia nos dá hoje”, num serviço fúnebre! Ou imagine orar “Venha o teu reino” num leito de enfermidade! No entanto isto é feito solenemente repetidas vezes por toda a Cristandade. Muitas vezes audiências inteiras repetem-na em uníssono, e isso atrevidamente mesmo diante das palavras do nosso Senhor, “Não useis de vãs repetições”. Que enorme diferença existe entre orar e recitar orações!

Antes de mostrar quão perfeitamente a “Oração do Senhor” se ajusta e encaixa nas suas circunstâncias então, e quão *im*perfeitamente se ajusta e encaixa nas nossas agora, consideremos resumidamente mais um argumento contra a repetição desta oração.

No encerramento do Seu ministério terreno o nosso Senhor deu a estes mesmos discípulos uma revelação adicional sobre a oração, quando disse:

**“Até agora nada pedistes em Meu nome; pedi, e recebereis, para que o vosso gozo se cumpra.**

**“Disse-vos isto por parábolas: chega, porém, a hora em que vos não falarei mais por parábolas, mas abertamente vos falarei acerca do Pai.**

**“Naquele dia pedireis em Meu nome ...” (João 16:24-26).**

Depois da ascensão do Senhor ao Céu estes mesmos discípulos deviam fazer os seus pedidos ao Pai *em Seu nome*. Isto, em si, teria excluído a possibilidade de eles repetirem a chamada “Oração do Senhor”.

## **A ORAÇÃO DO SENHOR E OS DISCÍPULOS DO SENHOR**

É fascinante estudar a “Oração do Senhor” no seu cenário dispensacional e ver quão perfeitamente apropriada foi para as circunstâncias em que os discípulos se encontravam.

**“Pai nosso, que estás nos céus”.**

Em Êx 4:22 lemos, “... Assim diz o Senhor: *Israel é Meu filho, meu primogénito*”.

O nosso Senhor insistiu nisto quando Ele respondeu a um rogo de uma mulher Gentia, “*Não é bom pegar no pão dos filhos e deitá-lo aos cachorrinhos*” (Mt 15:26).

Mas em que sentido os Israelitas eram filhos de Deus? Tinham eles todos nascido de novo? Certamente que não. Nicodemos era um Israelita mas ele não tinha nascido de novo (João 3:3-10).

Quando Deus disse a Faraó, “*Deixa ir o Meu filho*” (Êx 4:22,23) certamente que Ele se referia à *nação*. Era um assunto nacional, baseado numa relação de *concerto*. Assim lemos em Os 11:1,2:



**“Quando Israel era menino, eu o amei; e do Egito chamei a meu filho”.**

Foi nesta relação de concerto que o Senhor, no Seu Sermão da Montanha, falou aos Seus discípulos sobre a Paternidade de Deus, com o desejo de que cada um pudesse conhecer Deus como seu Pai num sentido mais profundo.

***“Venha o Teu reino, seja feita a Tua vontade, assim na terra como no céu”.***

No nascimento do nosso Senhor a multidão dos exércitos celestiais tinha louvado a Deus, dizendo, “Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens” (Lc 2:14).

Não era nada menos do que o reino milenar que os anjos anunciaram naquele dia e foi por isto que foi dito aos discípulos que orassem.

Assim eles foram instruídos a *proclamar* o reino:

**“E, indo, pregai, dizendo: É chegado o reino dos céus” (Mt 10:7).**

Foi-lhes dito para *praticar* o reino.

**“Curai os enfermos, limpai os leprosos, ressuscitai os mortos, expulsai os demónios: de graça recebestes, de graça dai. Não possuiais ouro, nem prata, nem cobre, em vossos cintos” (Mt 10:8,9).**

Foi-lhes dito para *orarem* pelo reino.

**“Venha o Teu reino, seja feita a Tua vontade, assim na terra como no céu” (Mt 6:10).**

Na realidade, mais tarde, o nosso Senhor prometeu aos Seus doze apóstolos doze tronos nesse reino.

**“... Em verdade vos digo que vós, que Me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do homem se assentar no trono da Sua glória, também vos assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos d’Israel” (Mt 19:28).**

Mas prossigamos:

***“O pão nosso de cada dia nos dá hoje”.***

Era apropriadíssimo eles orarem por isto. A promessa dos doze tronos foi feita em resposta à declaração de Pedro, *“Eis que nós deixamos tudo, e Te seguimos”.*

Isto era verdade. Eles tinham deixado até o seu emprego diário para seguirem o Senhor Jesus, e Ele tinha-lhes dito:

**“... Não estejais apreensivos pela vossa vida, sobre o que comereis, nem pelo corpo, sobre o que vestireis ... Considerai os corvos, que nem semeiam, nem segam, nem têm despensa nem celeiro, e Deus os alimenta: quanto mais valeis vós do que as aves?” (Lc 12:22-24).**

Isto estava tudo em linha com o programa do reino, e explica porque foi dito aos discípulos para orar “*O pão nosso de cada dia nos dá hoje*”, com a certeza de que tal seria providenciado.

É claro que uma grande mudança ocorreu quando, uns anos mais tarde, Paulo levantou uma coleta de entre os crentes Gentios “para os pobres dentre os santos que estão em Jerusalém” (Rm 15:26), mas isso aconteceu depois de Israel ter rejeitado Cristo e o Seu reino.

***“E perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores”.***

Não neutralizemos esta declaração clara, pois o nosso Senhor logo que acabou a oração, disse,

**“Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial vos perdoará a vós;**

***“Se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai vos não perdoará as vossas ofensas” (Mt 6:14,15).***

Certamente que há uma diferença entre o perdão *judicial*, ou justificação, proclamado em Romanos e o perdão parental obviamente referido aqui. Contudo, a salvação apenas pela graça por meio da fé ainda não tinha sido manifestada. Estes eram os padrões do reino que seria estabelecido na Terra, e os súbditos deste reino não tinham nenhuma esperança de receber perdão se não perdoassem aos outros.

***“E não nos induzas à tentação; mas livra-nos do mal [de o Mal]”.***

Eis onde as interpretações populares se desviam muito da verdade. Muitos que fazem esta oração supõem realmente que é necessário implorar para que Deus não os tente para o mal.

Porém, nós lemos claramente em Tiago 1:13:

**“Ninguém, sendo tentado, diga: De Deus sou tentado; porque Deus não pode ser tentado pelo mal, e a ninguém tenta”.**

Só de Cristo é dito que Ele “foi conduzido ... pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo” (Mt 4:1), contudo isso foi *por nós*. Além disso esta tentação pelo diabo foi uma demonstração da deidade essencial do nosso Senhor, pois Ele não reagiu a ela. O nosso Senhor não podia ser tentado pelo mal; Ele era *Deus*.

O facto é que a palavra Portuguesa “tentação” tinha um significado mais amplo do que tem hoje, quando as nossas Bíblias foram traduzidas. Significava tribulação, ou provação, e a oração “não nos induzas à tentação”, refere-se evidentemente à Grande Tribulação, a “*hora da tentação que há de vir sobre todo o mundo, para tentar os que habitam na terra*” (Ap 3:10).

Isto lança luz sobre a última parte da frase, que os nossos tradutores traduziram por “livra-nos do mal”. O mal talvez se refira ao “Maligno”. Não nos esqueçamos que em Ap. 12:12, lemos a respeito da Grande tribulação, que “o diabo desceu a vós, e tem grande ira, sabendo que já tem pouco tempo”, ou seja, antes de ele ser julgado e Cristo reinar.

## O MISTÉRIO

Pode ser perguntado porque é que os discípulos deviam ser ensinados a orar pelo livramento de terrores tão distantes no futuro. A resposta é simplesmente que esta dispensação da graça era um mistério “oculto em Deus”, “desde tempos eternos ... oculto”, até ser revelado por meio de Paulo (Ver Rm 16:25; Ef 1:9; 3:1-9; Cl. 1:26).

Na profecia de Joel dos “últimos dias” (Joel 2:28-32), os sinais de Pentecostes são seguidos pelos sinais da Grande Tribulação. Não há nenhuma sugestão de qualquer período de graça intermédio. Em Pentecostes Pedro citou assim esta passagem. Ele esperava seguramente que o derramamento da ira de Deus se seguiria ao derramamento do Espírito (Ver Atos 2:14-21).

Porém, desde então Deus descobriu-nos, ou revelou-nos, “*o mistério (ou segredo<sup>25</sup>) da Sua vontade*”, o Seu propósito maravilhoso de conceder ao mundo um período de graça, e de reconciliar Consigo num só corpo, pela cruz, crentes Judeus e Gentios (Ef 2:16).

Assim como o Senhor Jesus, no Seu sermão em Nazaré, “fechou o livro [NTLH]” exatamente no meio da citação que fez de Isaías 61:2 (cf. Is 61:1-3; Lc 4:17-21), Deus também, por assim dizer, “fechou o livro” exatamente no meio do Seu cumprimento de Joel 2:28-32. Este hiato na profecia só pode ser explicado por “o mistério”.

Este propósito secreto foi primeiro revelado ao Apóstolo Paulo e por seu intermédio. Notemos as suas palavras em Ef 3:1-3:

**“Por esta causa eu, Paulo, sou o prisioneiro de Jesus Cristo por vós, os Gentios;**

**“Se é que tendes ouvido a dispensação da graça de Deus, que para convosco me foi dada;**

**“Como me foi este mistério [segredo<sup>26</sup>] manifestado pela revelação ...”**

Este grande segredo é “*o segredo*” em mais do que uma via. Não somente era um *propósito segredo<sup>27</sup>*, como era e é o segredo do Seu propósito. É a *chave* para a compreensão do programa de Deus.

Deus descobriu-nos, ou revelou-nos, o segredo da Sua vontade (Ef 1:9), mas, ah, ainda tem de ser formulada a mesma pergunta de Paulo à grande maioria dos Cristãos, e dos seus líderes espirituais: “*se ... tendes ouvido a dispensação da graça de Deus, que para convosco me [Paulo] foi dada*”.

Que Deus abrevie o dia em que esta verdade bendita será recuperada para a Igreja e quando multidões de crentes agora confundidos e divididos se regozijarem no autêntico, íntegro, não adulterado, Evangelho da graça de Deus e na nossa unidade com Cristo e uns com os outros nos lugares celestiais!

---

<sup>25</sup> “Plano secreto” na versão NTLH.

<sup>26</sup> “Plano secreto” na versão NTLH.

<sup>27</sup> Ou, secreto.

## A ORAÇÃO DO SENHOR E OS DISCÍPULOS DO SENHOR

Uma comparação da chamada “Oração do Senhor” com as epístolas de Paulo revelará quanto mais nós temos, em Cristo, do que tinham os Seus discípulos na Terra sob “o Evangelho do reino”.

A própria frase “Pai nosso, que estás *nos céus*”, sugere distância. Eles deveriam orar na Terra ao seu Pai no Céu.

Nós não negamos que isto é também assim connosco fisicamente, mas insistimos que é-nos dada uma posição que eles ignoravam em absoluto, pois nós estamos sentados nos lugares celestiais *à mão direita do próprio Deus*, e temos “*entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes*” (Rm 5:2). Nenhuma posição assim é reconhecida na “Oração do Senhor”.

Ademais, apesar de eles clamarem a Deus como filhos do Seu concerto, nós podemos regozijar por sermos filhos de Deus *em Cristo* – um relacionamento muito mais íntimo. O apóstolo Paulo diz, “Porque somos membros do Seu corpo” (Ef 5:30).

Nós repetimos que Deus disse de Israel: “Israel é Meu filho, Meu primogénito” (Êx 4:22). Mas quando o filho de Deus, Israel, falhou e O desonrou, Deus apresentou o Senhor Jesus Cristo e disse “*Este é o Meu Filho amado, em quem me comprazo*” (Mt 3:17).

Agora a salvação é oferecida gratuitamente, pela Sua graça, a todos, e o crente mais simples é tornado agradável, ou aceite “no Amado” (Ef 1:6).

Uma vez mais, aguardamos o tempo em que a vontade de Deus será feita na terra como no Céu. Aguardamos pela vinda em glória do nosso Salvador, mas também O louvamos pela Sua graça em protelar o Seu retorno para julgar e reinar. Temos consciência que cada momento que Ele permanece exilado é um momento de graça para este mundo condenado, e nós queremos obedecer à Palavra de Deus e aproveitar cada oportunidade que Ele nos dá aqui como Seus embaixadores, “remindo [pagando um preço por] o tempo; porquanto os dias são maus” (Ef 5:16).

Enquanto eles esperavam, operavam e oravam pelo tempo em que a vontade de Deus será feita na Terra como no Céu, a oração de Paulo e o propósito de Deus para nós é que ocupemos a nossa posição nos lugares celestiais com Cristo, e apropriemos as nossas bênçãos espirituais ali (Ef 1:15-2:6).

**“Portanto, se já ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas que são de cima, onde Cristo está assentado à destra de Deus.**

**“Pensai nas coisas que são de cima, e não nas que são da terra;**

**“Porque já estais mortos, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus” (Col. 3:1-3).**

Há aqui ainda um outro facto importante a considerar.

Eles esperavam o século vindouro, no qual a *vontade* de Deus será feita “na Terra”. Porém Deus agora revela-nos que é Seu propósito de amor “*mostrar nos séculos vindouros as abundantes riquezas da Sua graça, pela Sua benignidade para connosco em Cristo Jesus*” (Ef 2:7). Que perspectiva!

Quanto à frase seguinte em Mat. 6, poucos de nós podemos sinceramente orar, “*O pão nosso de cada dia nos dá hoje*”, pois geralmente temos adiantadamente mais do que um suprimento por dia. Este pedido harmonizava-se com as suas circunstâncias particulares.

*“E perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores”.*

Podemos orar isto à luz da presente verdade?

A oração por perdão implica culpa. Como podemos orar por perdão, tendo sido “*justificados gratuitamente pela Sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus*” (Rm. 3:24)?

E certamente que “a remissão das ofensas, segundo as riquezas da Sua graça”, excede de longe o alcance do que perdoamos aos outros.

Tem sido objetado por alguns que quando o Senhor lhes disse que não seriam perdoados se não perdoassem aos outros, que Ele Se referia à sua *comunhão* com Deus e não ao seu *relacionamento* com Ele, visto que eles já eram filhos de Deus.

Mas mesmo aqui há um impressionante contraste entre então e agora.

O nosso Senhor disse-lhes claramente, “Se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai vos não perdoará as vossas ofensas” (Mt 6:15).

Porém, o mesmo Senhor, agora rejeitado na Terra, mas glorificado no Céu, diz-nos por meio do Apóstolo Paulo:

**“Antes sede uns para com os outros benignos, misericordiosos, *perdoando-vos uns aos outros, como também Deus vos PERDOOU em Cristo*” (Ef 4:32).**

Em conclusão, não necessitamos de temer que Deus permita que passemos pela futura Grande Tribulação. Ele falará a este mundo na Sua ira, porém “Deus não *nos* destinou para a ira” (cf. Sl 2:5: 1 Ts 5:9). O próprio facto de Deus nos deixar aqui como Seus embaixadores prova que Ele ainda não declarou guerra ao mundo. A Sua atitude ainda é de “graça e paz”. Antes de Ele declarar guerra, certamente que recolherá os Seus embaixadores.

**“Porque o mesmo Senhor descera do céu com alarido e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro.**

**“Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor.**

**“Portanto, consolai-vos uns aos outros com estas palavras” ( 1 Ts 4:16-18).**

## ***CAPÍTULO VII***

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Antes de encerrarmos este volume temos de tratar de algumas passagens finais que revelam a posição dispensacional do Sermão da Montanha e mostram quanto mais o crente em Cristo tem na presente “dispensação da graça de Deus”.

#### **A REGRA DE OURO (Mt 7:12)**

A regra de ouro é um maravilhoso padrão de vida – de longe acima do que alguma vez este mundo alcançou, mas não atingindo os píncaros da graça. Bem, *“esta é a lei e os profetas”*.

A nós, membros do Corpo de Cristo, é-nos dito para sermos “uns para com os outros benignos”, perdando os outros – não como os outros nos têm perdoado, mas *“como também Deus [nos] perdoou em Cristo”* (Ef 4:32).

Ademais a Lei não providenciava nenhum poder para levar a cabo a regra de ouro, mas a nós é-nos dito repetidas vezes para cumprirmos os preceitos da graça “segundo o poder [de Deus] que em nós opera” (Ef 1:18,19; 3:20; 2 Tm 1:7,8).

#### **NÃO RESISTÊNCIA (Mt 5:38-41)**

Aqueles que não têm visto a relação desta passagem com o reinado do reino de Cristo têm feito muitas tentativas fúteis para praticar os preceitos aqui enunciados. Quando o justo Rei estiver no trono tal conduta, como aqui é descrita, não será somente certa; será racional.

A graça vai, contudo, mais longe. Nós não devemos somente *suportar* a hostilidade dos nossos inimigos sem o pensamento de vingança; devemos procurar ativamente a sua salvação e o seu bem. Isto é mais do que não resistência, ou “oferecer a outra face”.

#### **ESMOLAS, ORAÇÃO E JEJUM (Mt 6:1-6; 16-18)**

Tem sido dito – provavelmente corretamente – que os Fariseus consideravam as esmolas, a oração e o jejum as três maiores expressões de piedade, tendo as esmolas a ver com a relação da pessoa com o seu próximo, a oração com a sua comunhão com Deus, e o jejum com a autodisciplina.

Porém o Senhor explicou que tomar parte nestes exercícios para ganhar o aplauso dos homens era pura hipocrisia, e era isto exatamente que os Fariseus faziam e não seria tolerado no reino.

Estas três práticas são experiências preciosas quando feitas à luz da graça. Quão bela é a exortação de Paulo: “Quem reparte com os outros o que tem, que faça isso com generosidade” (Rm 12:8 NTLH). Isto é a antítese da atitude refletida em Mt 6:1,2.

Quanto à oração, é na verdade uma experiência sagrada *entrar no aposento, e fechar a porta*, e *orar* ao nosso Pai celestial. Mas ainda é mais assim para aqueles que compreendem que durante esta “dispensação da graça de Deus” nós já temos uma *posição* nos lugares celestiais à mão direita de Deus e *“temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes”* (Rm 5:2). O nosso Grande Sumo Sacerdote não entra na presença do Pai em nosso lugar, como faziam os sumo sacerdotes do Velho Testamento. *Ele conduz-nos especialmente à presença do Pai* (Ef 2:18; Hb 6:19,20; 10:19,20).

Quanto ao jejum, quando o nosso Senhor estava na Terra os jejuns requeridos da Lei ainda estavam em força. Quanto mais bendito é o jejum natural admitido, embora nunca ordenado, sob a graça (1 Co 7:5). Tal jejum acompanha naturalmente oração fervorosa em tempos de profunda necessidade espiritual, e em que a mente, desimpedida de outros interesses se pode dedicar com menos distração ao tema dos seus pedidos.

### **SENHOR, SENHOR (Mt 7:21-23)**

Os nossos amigos Carismáticos deveriam considerar esta passagem refletidamente, pois muitos supõem que os dons de profecia, expulsão de demónios e as “muitas maravilhas” referidas neste texto são sinais de espiritualidade, quando de facto os carnis Coríntios operavam todos esses milagres e o nosso Senhor aqui, no Sermão da Montanha, indica que Ele dirá a muitos que operaram estes sinais (quando eles estavam em vigor): *“Nunca vos conheci: apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade”* (Mt 7:21-23).

Dispensacionalmente, é significativo que os dons miraculosos que tão fortemente davam testemunho dos clamores reais de Cristo, não são sequer mencionados nas chamadas epístolas prisionais de Paulo, as que foram escritas depois do seu aprisionamento em Roma. Além disso, mesmo nas epístolas de Paulo anteriores, há muita evidência de que estes sinais estavam a “desaparecer” (1Co. 13:8; 2 Co 12:7-10; etc.).

### **PEDI, BUSCAI, BATEI (Mt 7:7-10)**

Esta passagem encaixa naturalmente em passagens como Mt 18:19 e 21:22, ambas relacionadas com o reino Messiânico. Nós hoje, devemos dar graças a Deus por não recebermos tudo o que pedimos a Deus, mesmo com fé, pois o Apóstolo Paulo, em Rm 8:26 declara que nós *“não sabemos o que havemos de pedir como convém”*, e sabemos que ele próprio “três vezes [orou] ao Senhor”, a fim de poder ser liberto do seu “espinho na carne”, só para ter o Senhor a asseverar-lhe: *“A Minha graça te basta, porque o Meu poder se aperfeiçoa na fraqueza”* (2 Co 12:8,9).

Mas este mesmo apóstolo assegura-nos que apesar de não podermos receber tudo o que pedimos com fé, *Deus opera tudo para nosso bem* (Rm 8:28) e “é poderoso para

fazer tudo  *muito mais abundantemente além* daquilo que pedimos ou pensamos<sup>28</sup>, segundo o poder que em nós opera” (Ef 3:20). Daí a instrução divina:

**“Não estejais inquietos por coisa alguma: antes as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus pela oração e súplicas, com ação de graças.**

**“E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos sentimentos em Cristo Jesus” (Fili 4:6,7).**

## **DIVÓRCIO E RECASAMENTO (Mt 5:31,32)**

Poucos estão cientes do facto que o tema do casamento, divórcio e re-casamento também tem um aspeto dispensacional. As instruções originais de Deus a respeito do casamento (Gn 2:24) foram alteradas – *por Deus* – com a passagem do tempo e a mudança de circunstâncias.

### **Sob a Lei**

Sob a Lei Mosaica era comparativamente fácil um homem procurar um divórcio. Em certos casos, se ele meramente não se “contentasse” com a sua mulher ele poderia descartá-la (De 21:10-14). Na verdade, sob a Lei era possível qualquer homem divorciar-se da sua mulher meramente porque ela não achava “graça em seus olhos” porque ele tinha encontrado nela alguma “cousa feia”<sup>29</sup> (De 24:1-4). Nesse caso o marido tinha de escrever meramente um “escrito de repúdio”<sup>30</sup> (declarando as razões porque não a desejava manter) e depois “Iho dará na sua mão, e a despedirá da sua casa”.

Contudo, não deve ser perdido de vista que a *razão* para estas leis sobre o divórcio é apresentada claramente pelo nosso Senhor em resposta à questão dos Fariseus, “*Então por que mandou Moisés dar-lhe carta de divórcio, e repudiá-la?*”

**“Disse-lhes Ele: Moisés por causa da dureza dos vossos corações vos permitiu repudiar vossas mulheres; mas ao princípio não foi assim” (Mt 19:7,8).**

### **Sob o programa do reino**

Sob o programa do reino só havia *uma única* justificação reconhecida para o divórcio – o *adultério*:

**“Eu vos digo, porém, que qualquer que repudiar sua mulher, *não sendo por causa de prostituição*, e casar com outra, comete adultério; e o que casar com a repudiada também comete adultério” (Mt 19:9).**

Isto tinha, inquestionavelmente, um significado dispensacional, pois Jeová estava em vias de Se divorciar da Sua esposa, Israel, por adultério, e chamá-la “*Lo-Ami*: porque vós *não* sois Meu povo” (Os 1:2,9). À luz de muita da profecia do Velho Testamento e do registo do Livro dos Atos, Jeová e Israel estão agora divorciados e distanciados.

---

<sup>28</sup> Literalmente, imaginamos.

<sup>29</sup> Lit., algo ofensivo.

<sup>30</sup> Lit, Carta de divórcio.



Porém eles serão reconciliados e reunidos quando Ele voltar à Terra como Libertador de Israel no fim da Grande Tribulação (Ver Is 62:4,5; So 3:17; Rm 11:26,27).

### **Sob a graça**

Contudo, sob a presente “dispensação da graça de Deus” não existe nenhum fundamento bíblico para a obtenção de um divórcio. O mandamento é: “... *a mulher se não aparte do marido*” (1 Co 7:10), e de modo inverso “*o marido não deixe a mulher*” (Ver. 11). Tendo consciência das enormes pressões que por vezes causam os divórcios, e reconhecendo o facto de que alguns se apartam dos seus cônjuges sem levarem em consideração as Escrituras envolvidas, ele continua:

**“Se porém, se apartar, que fique sem casar, ou que se reconcilie com o marido; e [ou seja, e *semelhantemente*] que o marido não deixe a mulher”.**

Portanto, a pessoa casada que é infeliz e que procura um divórcio, deve ponderar as consequências mil vezes, pois *a pessoa que obtém um divórcio* está proibida pelas Escrituras de voltar a casar de novo.

Nós temos consciência que há detalhes técnicos envolvidos como qual a parte que causou o “apartar” (ou seja, quem *realmente* foi responsável pelo divórcio), a questão da disputa do processo de divórcio, a questão do cônjuge não salvo, etc.. 1 Co 7 responde com lógica a estas e outras questões, mas o imperativo básico para a dispensação da graça é claro: *Em parte alguma* das epístolas de Paulo nós encontramos *qualquer* justificação para o descasamento ou a obtenção do divórcio. A graça perdoará à parte que erra e revelar-lhe-á o amor de Cristo.

### **NÃO JULGUEIS (Mt 7:1-5)**

Todos os crentes deveriam estar “*firmes*” no que está certo e “*resistir*” ao que está errado, em obediência a Ef 6:10-13. Contudo, quando isto é fielmente feito há sempre aqueles que criticam, usando passagens como a seguinte do Sermão da Montanha:

**“*Não julgueis, para que não sejais julgados*” (Mt 7:1).**

No entanto, o Apóstolo Paulo escreveu aos crentes Coríntios:

**“*Porém o homem espiritual julga todas as coisas ...*” (1 Cor. 2:15).**

Ao examinarmos esta aparente contradição confinamo-nos à palavra raiz no Grego, *krino*,<sup>31</sup> usada em ambas as passagens acima.

Se as interpretações tantas vezes colocadas sobre as palavras do nosso Senhor, “*Não julgueis*”, fossem consistentes com as Escrituras como um todo nós não teríamos tido – na realidade não *teríamos* – um Scofield, um Darby, um Lutero – ou um *Paulo*! Certamente que aqueles que assim interpretam as palavras do nosso Senhor teriam feito uma exceção quando Paulo e Barnabé tiveram “*não pequena discussão e contenda contra*” os Judaizantes, que tinham vindo a Antioquia procurar colocar os crentes Gentios debaixo da Lei de Moisés, ou quando, mais tarde em Jerusalém,

---

<sup>31</sup> Juntamente com as suas derivadas, “*anakrino*”, julgar estritamente, rigorosamente, e “*diakrino*”, julgar perfeitamente, a fundo.

Paulo “nem ainda por uma hora” cedeu “com sujeição” a esses mesmo Judaizantes, “para que a verdade do evangelho permanecesse entre [os Gentios]” (At 15:2; Gl 2:5). Portanto a interpretação de qualquer declaração bíblica em juízo deve ser determinada, não por uma “particular interpretação”, mas à luz do contexto e/ou de passagens bíblicas relacionadas.

## **Não julgueis**

As palavras do nosso Senhor em Mt 7:1 certamente que têm a ver com o julgar pessoas (obviamente pelo que elas fazem ou deixam de fazer), mas o Ver. 5 indica, além disso, que Ele Se referia a um certo tipo de crítico: o “*hipócrita*”, ou aquele que tem uma “*trave*” no seu próprio olho, enquanto critica “o *argueiro*”, pequena partícula seca, cisco, no olho do seu irmão. Tal pessoa não seria decerto a pessoa “espiritual” de 1 Co 2:15. De certa forma, uma atitude errada torna-o crítico dos outros.

Deveria ser adicionalmente observado que Mt 7:1,2 tomados no seu conjunto constituem um *aviso* contra o ser-se *precipitado* em julgar os outros:

**“Porque com o juízo com que julgardes sereis julgados, e com a medida com que tiverdes medido vos hão de medir a vós” (Ver. 2).**

Este aviso, na realidade, mantém-se vigente nos nossos próprios dias, pois o Apóstolo Paulo também condena aqueles que *hipocritamente* condenam outros (Rm 2:1) e aqueles que são *precipitados* em julgar (Rm 14:4,10,12,13; 1 Co 4:5). Deixemo-nos, então, antes *ser julgados* do que *julgarmos*; antes *ser criticados* do que *criticarmos os outros*.

## **O homem espiritual julga todas as coisas**

Mas onde Deus tem revelado claramente a Sua verdade e vontade, os crentes *devem* julgar entre verdade e erro, não só “estar firmes” no que está certo, mas “resistir” ao que está errado (Ef 6:11,13) – e isto muitas vezes envolve “julgar” e até “resistir” às pessoas envolvidas (Ver Gl 2:11-14).

Usando esta mesma palavra, *krino*, o Apóstolo diz:

**“Porém o homem espiritual julga todas as coisas, e ele não é julgado por ninguém” (1 Co 2:15 TB).**

O homem verdadeiramente espiritual está tão acimados mais sábios deste mundo, sim, da maioria dos Cristãos com quem ele entra em contacto, que *e/e os compreende*, porém eles nunca o conseguem compreender completamente.<sup>32</sup> É claro que deve haver mais crentes assim, homens de Deus que são verdadeiramente espirituais e verdadeiramente qualificados para julgar entre o que está certo e o que está errado, o que é e não é bíblico. Referindo-se às disputas entre os crentes Coríntios, Paulo escreveu:

**“Digo-vos isto para vos envergonhar. É assim que não se pode achar entre vós um só homem sábio que possa julgar entre seus irmãos?” (1 Co 6:5; cf. Vers. 2,3).**

---

<sup>32</sup> O livro do autor, *Verdadeira Espiritualidade*, trata este assunto com alguma extensão.

Tudo isto é confirmado por uma outra declaração feita pelo nosso Senhor quando estava na Terra, pois em João 7:24 lemos as Suas palavras:

**“Não julgueis segundo a aparência, *mas julgai segundo a reta justiça*”.**

Certamente que o nosso Senhor indicava com estas palavras que os Seus ouvintes *deviam* julgar – *corretamente* e com *equidade*, se bem que os “hipócritas” (como em Mt 7:1-5) devessem ter cuidado em não julgar de modo algum.

Por conseguinte Deus chama o Seu povo, não meramente a julgar os outros, mas a *ser moral e espiritualmente qualificado* para julgar em questões onde a verdade e erro, e conduta certa e errada estão em causa.

### **Julgarmo-nos a nós mesmos**

Na bem conhecida passagem de Paulo sobre a Ceia do Senhor, ele avisa contra a participação deste memorial sagrado de um modo indigno (1 Co 11:27), e acrescenta:

**“*Examine-se pois o homem a si mesmo, e assim coma deste pão e beba deste cálice*” (Ver. 28).**

Concluindo as suas observações sobre este assunto, ele diz:

**“Porque, se nós nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados.**

**“Mas, quando somos julgados, somos repreendidos pelo Senhor, para não sermos condenados com o mundo” (1 Co 11:31,32).**

Rejeitemos, então o uso das palavras do nosso Senhor em Mt 7:1 como desculpa para a irresponsabilidade e permissividade, e especialmente para as críticas que se fazem àqueles que procuram permanecer fiéis a Deus e à Sua palavra. O pensamento do nosso Senhor em toda esta passagem (até ao Ver. 5) era que o julgamento precipitado e hipócrita sobre os outros deveria ser rejeitado por aqueles que esperavam entrar no reino dos céus.

### **Obediência perfeita (Mt 5:20; 7:24-27)**

*Debaixo da Lei* era *requerida* obediência perfeita a Deus (Êx 19:5,6; Gl 3:10). Ao doutor da lei que procurou tentar Cristo, perguntando-lhe, “*Mestre, que farei para herdar a vida eterna*”, o nosso Senhor reagiu perguntando, “*Que está escrito na lei?*” E quando o doutor da lei lhe citou a essência dos Dez Mandamentos, o Senhor respondeu-lhe simplesmente, “*faz isso, e viverás*” (Lc 10:25-28).

E na realidade, quando o nosso Senhor proclamou os preceitos do Sermão da Montanha Ele exigiu obediência à *Lei à luz da Sua justa interpretação da mesma*. Tecnicamente, debaixo da Lei, se um homem não cometesse realmente adultério físico, a Lei não podia tocá-lo, mas o nosso Senhor, no Seu Sermão, mostrou que *diante de Deus* o olhar concupiscente é adultério cometido no coração (Mt 5:27,28).

*Durante o reinado do Reino de Cristo*, a obediência perfeita a Deus será *espontânea* quando o Espírito Santo tomar o *pleno controlo* do Seu povo. Como vimos em Ez 36:27, Deus porá o Seu Espírito dentro deles e *fá-los-á* andar nos Seus estatutos e

eles *guardarão ... e observarão* os Seus “juízos”. Pentecostes testemunhou um bendito antegosto disto quando *“todos foram cheios do Espírito Santo”* (At 2:4).<sup>33</sup>

Contudo, neste *“presente século mau”*, nós situamo-nos entre o *requisito* de guardar a Lei para obtenção da aceitação de Deus, e o futuro dia quando Deus *fará sobrenaturalmente* com que o Seu povo guarde a Lei. É claro que em *nenhuma* das igrejas fundadas por Paulo foram *todos cheios* do Espírito Santo. Pelo contrário, a declaração de facto em Atos 2:4 dá lugar à exortação de Ef 5:18. Esta última passagem testifica o facto de que os Efésios *não* estavam todos cheios do Espírito, pois *exorta-os: “E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito”*.

*Graça e fé* são os traços característicos da presente dispensação. Não só a salvação é declarada ser *“pela graça, ... por meio da fé”*, mas o Espírito também opera no crente *“pela graça, ... por meio da fé”*. O que Ele providencia pela graça nós podemos apropriar pela fé. Ele habita no seio de cada crente (1 Co 6:19) para providenciar a orientação necessária e a força para resistir à tentação, e nós podemos beneficiar da Sua ajuda em tempo de necessidade.

Assim lemos que até na nossa incapacidade de orar como devemos, *“o Espírito ajuda as nossas fraquezas”* e *“intercede por nós”* (Rm 8:26). Na nossa fraqueza somos *“corroborados com poder pelo Seu Espírito no homem interior”* (Ef 3:16). E Deus até se inclina para *vivificar os nossos corpos mortais, pelo seu Espírito que em nós habita* (Rm 8:11).

**“De maneira que, irmãos, somos devedores, não à carne para viver segundo a carne” (Ver. 12).**

Certamente que a implicação aqui é que ainda que dolorosamente provados, somos devedores ao *Espírito* que habita em nós para providenciar poder de superação.

Obviamente, então, as bênçãos espirituais que são hoje nossas, são maiores que aquelas que os santos do reino gozarão durante o reino Milenar de Cristo, pois neste *“presente século mau”* até a *graça*, não o pecado, *reina* (Rm 5:21).

Deus não diz – não pode dizer – de nós: *“todos foram cheios do Espírito Santo”*, mas estabelece perante nós o glorioso objetivo: *“enchei-vos do Espírito”* (Ef 5:18). E quando procuramos, pela fé, realizar este objetivo, bênçãos ricas, profundas são já nossas, para não falar das recompensas vindouras. Que desafio para a fé!

Não foi nenhuma vitória particular para os crentes Pentecostais serem cheios do Espírito Santo, pois o Espírito simplesmente tomou o controlo deles quando se cumpriu “o dia de Pentecostes”. Porém, grandes vitórias espirituais são nossas quando nós, por meio do Espírito, mortificamos as obras da carne a fim de que os nossos corpos possam na realidade ser os templos de Deus. Que Deus nos conceda muitas destas vitórias ao tomarmos a peito a Sua Palavra! *“Não entristeçais o Espírito Santo de Deus”* (Ef 4:30). *“Andai em Espírito”* (Gl 5:16). *“Enchei-vos do Espírito”* (Ef 5:18).

## **As pessoas ficaram atónicas**

---

<sup>33</sup> Os termos *“batizados com o Espírito Santo”* (At 1:5), e *“cheios do Espírito Santo”* (At 2:4) indicam o controlo completo do Espírito sobre eles.

**“E aconteceu que, concluindo Jesus este discurso, a multidão se admirou da sua doutrina;**

**“Porquanto os ensinava como tendo autoridade; e não como os escribas” (Mt 7:28,29).**

Quando o autor lê os escritos de grandes homens de Deus ele tem dito muitas vezes para consigo: “Como eu desejava ter podido ir à igreja daquele homem todos os domingos, para o ouvir pregar!” Porém, pense no que deve ter sido ouvir este grande sermão proferido pelo Senhor – *pela primeira vez!*

Como declarámos no nosso *Prefácio*, este volume não pretendeu ser uma exposição abrangente do Sermão da Montanha do nosso Senhor, muito menos um comentário versículo a versículo. O nosso propósito foi antes explicar onde é que o Sermão se encaixa no programa dispensacional de Deus; qual a sua posição dispensacional – e especialmente compará-lo com os ensinamentos do Senhor *glorificado* nas Epístolas de Paulo.

Por isso há alguns assuntos que nós não tratámos – certamente não exaustivamente – como o sal, e a luz, os caminhos largo e estreito, os sacrifícios e os altares, os juramentos, etc., mas esperamos ter cumprido, pelo menos em parte, o que nos propusemos fazer, e que esta consideração dispensacional do Sermão da Montanha continue a provar ser uma bênção enriquecedora como nunca para muitos dos nossos leitores.